

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 11

Novembro de 1914

Ano LXVI

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

CRÓNICA DO EXERCITO ESPANHOL

I — Causas do corpo de estado maior

— A) *Restabelecimento da comissão tecnica do Estado maior.*

Quando se suprimiu o *Estado Maior Central*, foi dissolvida a comissão tecnica do corpo de estado maior, não se restabelecendo, o que constituia uma anomalia, visto haver em todas as armas e serviços essas comissões. Pela real ordem circular de 1 de agosto do corrente ano foi restabelecida a comissão tecnica do estado maior, a qual tem por fim informar sobre os assuntos tecnicos do corpo, e em especial, sobre os estudos e planos das obras de defesa e comunicações estrategicas, assim como propôr as inovações ou reformas a fazer nos serviços tecnicos do corpo.

Esta comissão é constituída pelo general, chefe da secção do estado maior e campanha do ministerio da guerra, como presidente, e tendo por vogais um coronel da mesma secção, o coronel 2.º chefe de estado maior da capitania da 1.ª região, o coronel chefe de estudos da escola superior de guerra, o coronel do deposito de guerra e outro coronel do corpo de estado maior em serviço em Madrid. Servem de secretario e de tesoureiro um major e um capitão da secção de estado maior e campanha do ministerio da guerra.

— B) *Reorganização da biblioteca do corpo de estado maior.*

A biblioteca do corpo de estado maior, uma das mais importantes de Madrid, continua junto da escola superior de guerra, mas fica tendo uma administração propria e independente.

Passa agora a estar sob a inspecção do general chefe da

secção de estado maior e campanha do ministerio da guerra. E' constituido um conselho administrativo pelo coronel, 2.^o chefe do estado maior da capitania de Madrid, como presidente, tendo como vogais um tenente-coronel e um major, professores da escola superior de guerra, sendo aquele o bibliotecario e este o secretario, e ainda dois tenentes-coroneis da capitania geral ou da Administração central.

Os vogais são nomeados pelo general inspector.

No orçamento é inscrita anualmente uma verba importante para a compra de livros, mapas e cartas.

Em geral, só é adquirido um exemplar de cada obra, e só das de grande consulta é que são adquiridos mais exemplares.

Todos os officiaes do corpo de estado maior podem propôr a compra das obras que julguem necessarias.

A biblioteca é franqueada a todos os officiaes do exercito e da armada, das 9 ás 13 horas.

Os officiaes do corpo de estado maior e os professores da escola superior de guerra podem levar, mediante recibo, as obras que necessitem, podendo até ser enviadas para fóra de Madrid pelo correio, pagando eles as despesas de transporte.

— Os officiaes não podem têr em seu poder os livros por mais de 2 meses, praso que poderá ser prorogado com a devida autorisação.

Os dictionarios e atlas não podem saír da biblioteca.

Há na bibliotéca 2 catalogos, um por autores e outro por materias.

Nos dois primeiros meses de cada ano é publicado um suplemento ao catalogo, contendo as obras adquiridas no ano findo.

C) — *Novos capitães do estado maior.* Tendo terminado os tirocinios, foram promovidos recentemente a capitães 13 officiaes, que foram colocados no quadro do corpo de estado maior. Como de costume, teve logar a cerimonia da colocação da *banda azul* aos novos officiaes do estado maior, tendo a ela assistido o ministro da guerra, o capitão general de Madrid, o governador militar, os generais provenientes do corpo de estado maior, e os diversos officiaes deste corpo residentes na capital.

O acto é sempre revestido de uma certa *imponencia*, seguindo-se um *lunch* oferecido aos novos capitães.

II — O novo director da academia de infantaria

Com a promoção a general do coronel Anido ficou vago o lugar de director da academia de infantaria. Agora foi nomeado para este importante cargo o coronel D. Enrique Marzo Balaguer, um dos mais distintos officiais da arma de infantaria e que tem tido uma carreira militar brilhante.

Tendo entrado na academia da arma em 1883, saiu alferes alúno em 1886, tendo sido o primeiro do seu curso.

Tomando parte na guerra de Cuba, obteve os postos de capitão e de major por distinção.

Em 1912 tomou parte na campanha de Melilla, comandando como tenente-coronel o batalhão de caçadores de Tarifa, e em 1913 tomou o comando das tropas regulares indigenas, fazendo toda a campanha de Tetuão, sendo então promovido a coronel por meritos de guerra. A sua carreira tem sido rapida. Da sua vasta illustração há a esperar que a sua passagem pela academia de infantaria não seja menos notavel que a do general Anido.

III — Morte do general Liñares

A 7 de agosto faleceu um dos mais illustres generais do país visinho, D. Arsenio Liñares, e que, como ministro da guerra, prestou relevantes serviços ao exercito espanhol.

Tomou parte activa nas campanhas que os espanhoes tiveram que sustentar em Cuba e nas Filipinas, assim como contra os carlistas na península.

A maior parte dos seus postos foram obtidos por meritos de guerra, obtendo tambem pelo mesmo motivo a cruz de S. Fernando.

Homem energico e militar brioso, teve de arrostar por varias vezes com a opposição dos politicos, como succedeu quando, ministro da guerra, nomeou o general Weyler capitão general e o general Polavieja chefe do *estado maior central*.

Tendo chegado novo ao generalato, dedicou-se com o mais fervente ardôr ao estudo da reorganização do exercito, que êle quiz assentar em bases solidas, tendo por isso sofrido muitas contrariedades e adquirido muitas inimisades.

Como por varias vezes tivemos ocasião de examinar as re-

formas introduzidas na organização do exercito espanhol pelo general Liñares, não podemos deixar de manifestar e reconhecer que, como organizador, as suas faculdades eram muito apreciáveis e que a sua morte representa uma perda importante para a nação nossa visinha.

IV — Reformas nos exames de admissão nas academias militares

Como consequencia da inspecção que teve lugar durante os exames de admissão nas diversas academias, em que se notaram diversidade de criterios nos juris de exames, foram recentemente publicadas umas *Instruções* que devem ser observadas nos proximos exames.

Entre outras prescrições, notamos:

1.º Que a prova de ginastica, complemento da inspecção medica, passa a constituir uma prova *eliminatória*, dando-se a nota de *aprovado*, ou *não aprovado* :

2.º Que as provas de castelhano e francês passam a ser distintas, devendo esta ultima compreender a leitura e tradução de um trecho escolhido pelo juri, seguindo-se uma prova escrita no quadro ;

3.º No exame de arimética as provas oral e pratica serão dadas simultaneamente, sendo dado o praso de 4 horas para a resolução dos problemas tirados á sorte;

4.º Os exercicios de algebra serão dados depois dos de arimética, havendo um intervalo de pouco tempo entre as duas provas ;

5.º Decorridos 3 ou mais dias, terão lugar as provas de geometria e trigonometria, na mesma forma que as anteriores ;

6.º O juri póde fazer as perguntas que julgue convenientes aos candidatos julgados em condições de serem admitidos com o fim de lhes melhorar a classificação ;

7.º Os membros do juri darão todas as explicações necessarias para esclarecer os candidatos, para evitar que conduzam os seus raciocinios por um caminho errado.

Aos alúnos aprovados no exame de admissão, mas excedendo o numero dos admitidos, são-lhes validadas as provas durante um periodo de 4 anos.

V — O critério do ministro da guerra espanhol relativamente á apreciação que os officiaes nas diversas unidades devem fazer sobre as operações dos exercitos beligerantes na presente guerra europêa

O ministro da guerra da vizinha Espanha entendeu que era de toda a conveniencia que os officiaes do exercito prestassem toda a atenção á maneira como os exercitos beligerantes estão realisando as operações, estudando os seus processos estrategicos e tacticos, acompanhando tanto quanto possivel os movimentos dos exercitos. Para facilitar esse estudo, ordenou ao *Deposito da Guerra* que fizesse uma tiragem especial das cartas relativas aos diversos teátros de operações, as quais serão fornecidas aos officiaes com uma redução de 20 a 50 0/0, conforme a natureza das cartas.

São tão complexos os meios de acção que estão empregando os exercitos beligerantes, que é da maior importancia aos países neutros estudar esses novos instrumentos de fazer a guerra, e é por isso que officiaes destes países teem já sido enviados aos teátros de operações.

Bom seria que o nosso illustre ministro da guerra incitasse, pelos meios ao seu alcance, os nossos officiaes a estudarem com toda a atenção o desenvolvimento das operações que se estão realisando nos campos de batalha da Europa, a exemplo do que se está fazendo na Espanha.

VI — Novas graduações dadas aos musicos do exercito

Em virtude do real decreto de junho, os musicos môres do exercito passam a formar 3 categorias: musicos de 1.^a, 2.^a e 3.^a classes, tendo todos a consideração de officiaes. Os musicos de 3.^a classe têm anualmente 400 escudos durante os primeiros 5 anos, e 550 escudos nos 10 anos seguintes.

Terminados os 15 anos, são promovidos a musicos de 2.^a classe com o soldo de 700 escudos. Decorridos 10 anos neste posto, são promovidos a musicos de 1.^a classe com o soldo de 1.000 escudos.

Teem tambem limite de idade, que é aos 60 anos para todas as classes.

As viúvas e orfãos teem direito ás pensões nas mesmas condições que as viúvas e orfãos dos officiaes a que são equiparados os musicos das 3 classes.

Depois de 12 anos de serviço os de 1.^a e 2.^a classes são equiparados a capitães, e os de 3.^a a 1.^{os} ou 2.^{os} tenentes.

Os musicos teem como distintivo uma lira nos canhões e encimando aquella uma corôa real. Dentro da lira há uma estrela para os musicos de 3.^a classe durante os primeiros 5 anos de posto, e 2 estrelas desde os 5 anos até aos 10. Os musicos de 2.^a e 1.^a classe teem 3 estrelas, mas as dos primeiros são bordadas a canutilho de ouro (como nos de 3.^a), enquanto que as dos segundos são bordadas a canutilho de prata.

Os mestres das bandas de corneteiros são equiparados a brigadas.

VII — Efectivo de guerra para 1915 e contingente a incorporar

A fôrça do exercito permanente durante o ano de 1915, foi fixada em 140:761 homens, pelo decreto de 31 de outubro, não contando com o corpo de invalidos e com os incorporados na penitenciaria militar de Mahon.

O ministro da guerra fica, porém, autorizado a aumentar o effectivo em certos periodos, com tanto que faça licenciar noutros periodos, de modo que não seja excedido o effectivo médio fixado.

O contingente agora a incorporar foi fixado em 70:000 homens, sendo 5:754 provenientes dos que estavam sujeitos á revisão, 257 dos adiados e 63:989 dos apurados no presente ano. O numero dos declarados aptos para o serviço era de 96:307. A distribuição do contingente pelos diferentes distritos de recrutamento foi publicada pelo decreto de 1 d'outubro ultimo.

Barcelona fornece 1:950 recrutas, enquanto que Madrid dá 1:494.

VIII — Aviação e automobilismo

Em Espanha vão tomando grande desenvolvimento os trabalhos de aviação e automobilismo. Cursos de aspirantes a pilotos aviadores tiveram seu inicio em 1 de setembro, devendo

terminar em 30 de abril do proximo ano, realizando-se nos aeródromos de Quatro Vientos e Alcalá de Henares ou noutros eventuais, assim como serão completados em viagens de instrução e de manobras.

Em 1 de novembro começou a escola de observadores em Guadalajara, que terminará em 20 de dezembro, e continuando-se depois no aeródromo de Quatro Vientos, de 2 de janeiro a 15 de março de 1915.

O curso de mecanicos de aviação terminou em 30 de setembro.

Em Guadalajara foram admitidos a fazer o curso de aviação 8 oficiais, sendo 1 capitão e 2 1.^{os} tenentes de infantaria, 1 capitão de cavalaria, 2 1.^{os} tenentes de artilharia e 1 capitão e 1 1.^o tenente de engenharia.

Para compensar em parte os gastos, incomodos e perigos de vida dos oficiais aviadores, é dada uma gratificação extraordinaria de 2,5 escudos diarios aos oficiais superiores, 1,5 escudos aos capitães e 1 escudo aos subalternos. Para o curso de observadores, eram preferidos os oficiais que tivessem prática de levantamentos topograficos e de fotografia, tendo previamente de ser submetidos a uma rigorosa inspeção medica.

Durante o mês de novembro, teve logar um curso de automobilismo para oficiais. Este curso tem sido dirigido pelo coronel, chefe da 4.^a repartição do ministerio da guerra, tendo á sua disposição o pessoal e material da 3.^a brigada automobilista. Os oficiais que estão fazendo este curso, são da arma de artilharia, e tiveram preferencia os que estavam servindo nos parques regionais e nos estabelecimentos fabrís de construção da arma. O curso funciona junto da 1.^a secção da escola central de tiro, tendo sido abonada uma verba de 380 escudos para as despesas desta instrução.

IX — Reorganização das forças indigenas na zona marroquina espanhola

A Espanha, procurando seguir o exemplo da França, tenta aliviar o mais possivel as tropas metropolitanas do serviço em Africa, e para isso quer dar maior desenvolvimento ás forças regulares e de policia indigenas.

Em virtude do decreto de julho, foram as forças indigenas

constituídas em 4 grupos: 1.º — tropas regulares destinadas a entrar em operações; 2.º — tropas para o serviço de policia indigena; 3.º — tropas de Majzen; 4.º — as tropas irregulares auxiliares (*gums, zunds e harkas*).

Ainda ha a policia secreta indigena.

As tropas regulares indigenas, chamadas a cooperar com as tropas da metropole, compreendem 4 corpos, tendo cada um 2 *tabores* de infantaria (a 3 companhias) e 1 *tabor* de cavalaria (com 3 esquadrões) sob o comando de um tenente-coronel.

As tropas de policia podem tambem ser empregadas em operações militares.

Os oficiais (á excepção dos oficiais môres de 2.ª classe) são tirados do exercito, e das armas de infantaria e cavalaria.

Os sub-officiais e brigadas, são todos do exercito. Para dar maior coesão ás unidades, entra na sua composição um nucleo de praças europêas, que pode ser de 50 0/0 para os quadros e de 20 0/0 para os cabos e soldados.

Nas tropas de policia os oficiais são tirados de qualquer arma do exercito.

Os soldados e cabos das tropas indigenas são voluntarios, e o quadro dos inferiores será, tanto quanto possivel, obtido nas mesmas condições.

As tropas constituídas pelos indigenas, serão obtidas por recrutamento voluntario, emquanto não se poder fazer por outra forma, empregando-se para isso sargentos recrutadores, que recebem uma gratificação por cada homem que apresentem.

Os vencimentos das tropas de infantaria e cavalaria, são os seguintes:

	Infantaria	Cavalaria
Cabo	54,15 pesetas por mez	58,38 pesetas
Clarim.	—	52,32 >
Corneteiro	48,15 > > >	— >
Aprendiz de corne- teiro	47,15 > > >	51,38 >
Soldado de 1.ª classe.	47,15 > > >	51,38 >
> > 2.ª > .	46,15 > > >	50,38 >

Como gratificação, os cabos e soldados têm 50 e 30 0/0 dos

soldos; os sargentos têm 10 0/0. Ha ainda os premios de re-admissão, que são para soldados e cabos:

4,5	pesetas mensaes no fim de 3 anos de serviço;
7,5	» » » » » 6 » » » ;
10	» » » » » 9 » » » ;

Os sargentos no fim de 12 anos de serviço e com 2 de posto, recebem uma gratificação de 25 pesetas por mês, e que vai aumentando de 12 pesetas por cada periodo de 3 anos.

Os capitães do exercito no serviço de policia têm uma gratificação especial de 30 escudos por mês, e os subalternos 20 escudos; os sargentos e cabos têm uma gratificação de 3 escudos e os soldados 2 escudos.

Em cada uma das comandancias gerais ha uma sub-inspção para tratar dos assuntos indigenas, sendo a direcção confiada a coronel do corpo d'estado maior.

X — Os novos projectos de lei apresentados ao parlamento pelo ministro da guerra: redução dos limites de idade e redução dos quadros

O exercito espanhol enfermava de dois males: excessivos quadros, pela necessidade de colocar nos quadros do exercito metropolitano os officiaes dos exercitos de Cuba e Porto Rico, e, como consequencia, envelhecimento dos officiaes, pela morosidade das promoções. As propostas do ministro da guerra tendem a minorar estes males. No relatorio que precede as propostas, o general Echague reconhece a necessidade de ter officiaes com robustez física necessaria para suportar as fadigas extraordinarias, que exigem as campanhas modernas, e obter as suficientes economias nos quadros para se poder obter a aquisição do numeroso e complexo material com que têm de ser dotados os exercitos modernos.

Pelo primeiro projecto de lei, ha uma redução nos limites de idade, de 4 anos para os tenentes-generais e generais de brigada, de 3 para os generais de divisão; de 4 para os coroneis e tenentes-coroneis, e de 6 para os majores, capitães e tenentes. Ao atingirem os novos limites de idade, os officiaes passam a uma situação especial, onde se conservam até atingirem as ida-

des da antiga lei. Isto durante o periodo de transição, que é de 4 anos, ou de 6 anos¹. Durante este periodo, as comissões sedentarias só podem ser desempenhadas pelos oficiais na situação especial.

Pela nova lei, os oficiais deixam o *quadro activo* :

Tenentes-generais	aos 68 anos de idade ;
Generais de divisão	> 65 > > > ;
Generais de brigada	> 62 > > > ;
Coroneis	> 58 > > > ;
Tenentes-coroneis	> 56 > > > ;
Majores	> 54 > > > ;
Capitães	> 50 > > > ;
1. ^{os} e 2. ^{os} tenentes.	> 45 > > > .

São também reduzidos os quadros do generalato (2.^o projecto), de forma que ficará havendo 20 tenentes-generais, em lugar de 30; 40 generais de divisão, em lugar de 60; e 80 generais de brigada, em lugar de 100.

Esta redução ir-se ha fazendo gradual e sucessivamente, amortisando-se 50 % das vacaturas que se forem dando.

O ministro da guerra pode colocar no quadro da reserva os generais que, sem terem atingido o limite de idade, mostrem falta de aptidão física para exercerem o comando activo.

Ainda pela nova lei, os generais de divisão, de brigada e os coroneis, logo que sejam preteridos na promoção (por escolha) por outros mais modernos, e estejam no primeiro decimo da sua escala, têm de passar forçosamente á escala de reserva, o que não sucedia até aqui.

Os generais e coroneis, logo que atinjam a primeira metade dos seus quadros, podem ser propostos pelo ministro da guerra para a promoção por distinção, quando tenham prestado relevantes serviços.

Nenhum official pode ser promovido ao posto immediato por antiguidade, sem que tenha exercido o comando durante 2 anos sem interrupção da unidade correspondente ao seu posto.

Os officiais colocados na reserva, recebem os seus soldos

¹ De 4 anos para os generais e de 6 para os outros officiais.

(sofrendo os descontos regulamentares), mas não tendo direito a gratificação alguma pelo ministerio da guerra.

Os quadros activos das diferentes armas e serviços serão fixados no proximo projecto de lei, reorganizando o exercito.

Estes projectos de lei encontraram a maior simpatia tanto no parlamento, como na opinião publica, e, permitindo efectuar uma economia de 12 milhões de pesetas, será esta verba destinada á compra de material moderno necessario ás unidades e formações, á execução de manobras periodicas, a escolas prácticas, a ensaios de mobilização, e ao necessario aumento de efectivos nas unidades de modo a permitir uma mais eficaz instrução dos quadros.

XI — A nova esquadra

Ao mesmo tempo que o ministro da guerra pretende pôr o exercito em condições de satisfazer cabalmente ás exigencias da guerra moderna, o ministro da marinha procura tambem reorganizar a armada, de modo a aumentar consideravelmente a potencia militar da nação.

Com esse fim acaba de apresentar ao parlamento um projecto de lei para a construção de uma esquadra nova, aproveitando já os ensinamentos da actual guerra, dando uma grande importancia aos submarinos para a defesa das costas, assim como aos torpedos e minas.

Desde já propõe a construção: de 4 cruzadores rapidos, cuja importancia é orçada em 60 milhões de pesetas; de 6 caça-torpedeiros, que devem custar 30 milhões de pesetas; de 28 submarinos, que custarão 110 milhões; de 3 canhoneiras, na importancia de 9 milhões; de 18 navios para a vigilancia e policia das aguas litorais e lançamento de minas, para o que são destinados 6 milhões; e ainda uma verba de 9 milhões é destinada a minas automaticas e outras defensas submarinas, e mais 6 milhões para material não previsto.

As despesas orçamentais com estas construções elevam-se portanto a 230 milhões de pesetas.

Ainda deverão ser feitas diversas obras nas *bases navais* e *portos de refugio* e na construção de material flutuante, sendo destinados:

3.900:000 pst. ao Ferrol, 9.075:000 pst. a Cadiz, 6.350:000

pst. a Cartagena, 3.800:000 pst. aos portos de refugio, e 5.475:000 pst. ao material flutuante. Temos assim 28.600:000 pst., que juntando á verba anterior, dá uma soma de 258.600:000 pesetas.

Estas despesas serão pagas por anuidades num periodo de 6 anos.

Por enquanto não são construidos grandes couraçados.

XII — Os exercicios de guarnição no exercito espanhol. — Cursos de tiro

Este ano, em todas as guarnições, tem havido numerosos exercicios de campanha, merecendo particular atenção as marchas e combates de noite, assim como exercicios com fogos de guerra.

Os regimentos de pontoneiros tem realizado exercicios de marcha e de lançamento de pontes. Ainda há pouco se tornou notavel o lançamento de uma ponte de 150^m sobre o Ebro, realisada pelo regimento de guarnição em Logroño. O lançamento levou 2 horas, empregando-se o material tipo Drnes, modificado pelos engenheiros espanhoes, e construido nas oficinas de Guadalajara.

Em Badajoz tem-se realizado diversos exercicios e manobras com balões. Ainda ha pouco o coronel Vives fez no balão livre *Neptuno* uma serie de explorações nos arredores daquela cidade, combinando os seus exercicios com as manobras das tropas da guarnição, que, diga-se de passagem, tem ultimamente sido reforçada.

Nas manobras de noite foi empregado um poderoso projector.

No balão *Afonso XIII* tambem o capitão Pruneda tem realizado diversas ascensões e feito percursos superiores a 200 qm.

O general de engenheiros La Llave realisou em Badajoz varias ascensões para reconhecer os arredores da praça.

Outras mais ascensões se tem ali realizado, o que mostra uma certa actividade que os espanhoes estão desenvolvendo, em reconhecimentos sobre a nossa fronteira.

Nos regimentos de infantaria tem sido aplicado o novo regulamento tactico da arma, executando-se exercicios de dupla acção nas guarnições em que há mais de um regimento.

Assim tem sucedido no Ferrol, em Zamora, em Saragoça, em Logroño, etc.

Os fogos de guerra só se teem podido realizar em larga escala no campo, chamado de Afonso XIII, a 4 qm. de Saragoça, que oferece condições favoráveis, quer pela sua extensão, 22 qm.², quer por ser constituído por terrenos planos, ondulados e montanhosos.

Ali teem concorrido 3 regimentos de infantaria, 2 regimentos de cavalaria e o regimento de artilharia, que está de guarnição naquela cidade.

Neste campo de manobras e de tiro ha um moderno quartel (chamado do general Luque), que comprehende um grupo de 11 edificios.

Pretende-se construir mais campos de tiro deste genero, mas tem havido dificuldades em encontrar terreno nas condições, e que não seja muito afastado das guarnições.

Nos exercicios do serviço de saude, que se teem realizado teem sido empregadas as *cosinhas rodadas de campanha*, modelo austriaco, sistema Tendloff Dittrich, e com as quais teem sido dotados os hospitais e ambulancias de campanha.

No campo da Dehesa o regimento de artilharia de sitio, de guarnição em Sevilha, tem tambem realizado diversos exercicios com as baterias de obuzes e de morteiros com os respectivos tratores.

Na forma dos anos anteriores, teem realizado *cursos de tiro* as diversas unidades de artilharia. No campo de Béjar reuniram-se 2 baterias de montanha (7^{cm}), sendo uma do regimento n.º 2 e outra do n.º 3, levando cada uma o seu 1.º escalão. Um major comandava o grupo de baterias (15 de agosto a 5 de setembro), ficando sob as immediatas ordens do tenente-coronel, chefe de estudos da escola central de tiro.

Oficiais superiores, capitães e tenentes de varios regimentos da arma foram mandados assistir a estes exercicios, sendo obrigados cada um deles a apresentar um «relatorio» sobre os trabalhos realizados.

Era permitido aos diversos oficiais da arma irem vêr os exercicios.

Para o curso de tiro da artilharia de montanha fora destinada uma verba de 5.600 escudos, não se contando as gratificações regulamentares.

Na praça do Ferrol realisou-se tambem um *curso de tiro de costa*, para o qual foi destinada uma verba de 3.600 escudos. O programa deste curso foi elaborado pela 2.^a secção da escola central de tiro.

XIII — Festas e medalhas comemorativas da guerra peninsular

Em Bailen efectuou-se durante 10 dias o aniversario da celebre batalha em que o general francês Dupont foi obrigado a depôr as armas, desastre que exasperou Napoleão e teve funestas consequencias.

Assistiram á comemoração contingentes das diversas unidades que tomaram parte naquela batalha, celebrando-se uma missa campal junto á estatua, que comemora o facto na praça de Castaños, e tendo logar no dia 19 (julho) uma procissão civico-religiosa ao campo de batalha.

Em Manresa foi tambem comemorada a batalha de Bruch, que foi a primeira derrota sofrida pelas armas francesas na peninsula, não tendo porém as consequencias, nem a importancia da anterior.

Para comemorar a batalha travada a 5 de março de 1811 entre as tropas espanholas e francesas junto a Chiclana de la Frontera, e que foi a mais importante do sitio de Cadiz, foi mandada cunhar uma medalha, que é concedida pelo presidente do conselho de ministros aos descendentes dos valorosos militares que tomaram parte naquela batalha, assim como a outras personagens officiais, mediante proposta da respectiva comissão do centenario. A medalha pode ser de ouro, prata ou bronze.

Uma outra medalha comemorativa foi mandada cunhar, celebrando a reconquista da Fiel, Leal e Valorosa cidade de Yigo que valentemente batalhou pela independencia nacional contra os franceses.

As medalhas são de ouro, prata ou bronze, e são destinadas, em primeiro lugar, aos descendentes dos que tomaram parte naquela defêsa heroica, e aos que colaboraram na comemoração.

Estas festas teem por fim levantar o espirito nacional e afevorar o amôr á independencia da patria.

XIV — Promoção dos oficiais da reserva remunerada

O actual ministro da guerra propõe-se tambem melhorar a situação dos officiaes da reserva, que teem uma promoção muito demorada.

Apresentou para isso um projecto de lei para que os 2.^{os} tenentes sejam promovidos a 1.^{os} tenentes no fim de 4 anos de posto, em vez de 6; e que os 1.^{os} tenentes sejam promovidos a capitães, independentemente de vacatura, logo que completem 16 anos de official, não tendo menos de 24 de serviço. Actualmente há 1.^{os} tenentes com mais de 6 anos de posto e que estiveram 7 a 9 anos em 2.^{os} tenentes, o que corresponde a 26 e 28 anos de serviço e a 40 a 48 anos de idade.

Ora há muitos 1.^{os} tenentes que foram promovidos a 2.^{os} com 35 a 38 anos de idade, e, como para eles o limite de idade é aos 51 anos, sucederá que mesmo com a nova lei, serão atingidos pelo limite de idade, não podendo atingir o posto de capitão.

XV — Promoções no generalato

Entre os ultimos officiaes generais recentemente promovidos, citaremos:

O general de divisão D. Ricardo Contreras Montes, que foi promovido a tenente-general por proposta do ministro da guerra e de acôrdo com o conselho de ministros.

Fôra promovido a alferes graduado, por graça geral, em 1868 para ir tomar parte na colúna que operou contra as partidas republicanas na Andaluzia. Foi promovido a alferes efectivo depois de concluir o curso (1870). Tomou parte na guerra contra os carlistas, sendo promovido a capitão e a major por distincção.

Como professor, realisou conferencias militares no distrito de Andaluzia, sendo graduado em tenente-coronel.

Foi promovido a coronel em março de 1896, tomando parte na guerra das Filipinas. Em 1898 foi promovido a general de brigada por meritos de campanha. Em setembro de 1907 foi promovido a general de divisão e a 27 de agosto de 1914 a tenente-general. Era o n.º 5 no quadro dos generais de divisão. Tem 63 anos de idade e quasi 48 de serviço.

A general de divisão foi promovido o de brigada, D. Francisco Cirujeda y Cirujeda. Tomou parte na guerra contra os carlistas como soldado, cabo e sargento do serviço sanitario, pois era licenciado em farmacia, sendo recompensado primeiro com o posto de alferes das milicias provinciais (1875) e pouco depois com o de alferes efectivo. Em 1876 era promovido a capitão para o corpo expedicionario a Cuba. Foi promovido a major em 1894, e neste posto entrou em varios combates, sendo promovido por distinção a tenente-coronel, e pouco depois a coronel.

Em março de 1908 foi promovido a general de brigada. Era o n.º 3 no quadro dos generais de brigada. Tem 61 anos de idade e quasi 41 anos de serviço.

A general de divisão foi tambem promovido o de brigada, D. José Lopes Torrens. Tem praça de cadete de 15 de dezembro de 1862, sendo promovido a alferes de infantaria em 1866. Entrou depois em 1868 na academia de engenheiros, mas não completou o curso.

Promovido a tenente efectivo em 1873, entrou nas operações contra os carlistas, sendo promovido a capitão em 1875 e a major no ano seguinte, por meritos de guerra. Em 1877 foi promovido a tenente-coronel para Cuba, tornando-se-lhe efectivo este posto em 1888. Foi promovido a coronel em 1896 e a general de brigada em 1910. Exerceu por diversas vezes o professorado e é autôr de diversas obras de matematica. Era o n.º 24 no quadro.

Tem 66 anos de idade e quasi 52 de serviço.

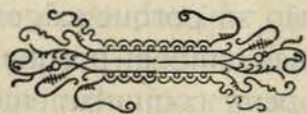
A generais de brigada foram promovidos os coroneis de infantaria D. Joaquim Reixa Garcia, D. Hilario Uriz y Ruiz e D. Luiz Jiménez Pojarero y Velasco. O primeiro era o n.º 6 na escala dos coroneis, o 2.º era o n.º 104 no turno estabelecido

para a proporcionalidade, e o 3.º era o n.º 44. O primeiro foi promovido a alferes em 1874, o segundo e o terceiro em 1875. Teem respectivamente 60, 56 e 57 anos de idade.

Todos tomaram parte em diversas campanhas e obtiveram promoções por meritos de guerra. O primeiro fora promovido a coronel em 1907, o segundo em 1908 e o terceiro em 1909.

Como acabamos de vêr, na promoção ao generalato influe principalmente o numero de campanhas, e a aceleração na promoção é já consecuencia dessas mesmas campanhas.

V. J. CESAR
Coronel



A cooperação dos exercitos de terra e de mar estudada em exemplos extraídos da historia maritima¹

PELO CONTRA-ALMIRANTE A. MEURER

(*Hamburger Nachrichten*, n.os 89 e 101—1914)

Quando no decurso da historia se considera a longa série das guerras maritimas, chega-se á conclusão, de que os combates mais grandiosos e os mais ricos em ensinamentos não foram aqueles em que se defrontaram unicamente forças navais, mas sim os que resultaram de uma acção combinada das tropas de terra e de mar. Em comparação com as guerras unicamente maritimas, ou unicamente terrestres, as guerras em que cooperam as tropas de terra e de mar, constituem a mais elevada fórma da luta, não só porque exigem a totalidade das forças dos adversarios, mas tambem porque os dois exercitos devem completar-se e operar conjuntamente, para obter o fim desejado. A consideração das condições de uma tal guerra é ainda particularmente preciosa, pelo facto de que as operações terrestres e maritimas combinadas, serão, no futuro, a fórma de combater, segundo todas as probabilidades o fazem prevêr; porque, se algum dia as grandes alianças, que dominam hoje a politica das potencias europeias mais importantes, chegam a travar conflito, como esteve para succeder em 1911 e tambem durante os ultimos acontecimentos dos Balkans, não deve subsistir a menor dúvida de que essa guerra se ferirá em terra e no mar, e de tal maneira, que ficará célebre nos anais da historia. Por isso, a difficil questão da *cooperação dos exercitos de terra e mar*, au-

¹ O original desta tradução foi publicado antes do começo da guerra europea.

menta em valor e em importancia pelo que diz respeito a todas as considerações que se ocupem de uma guerra desta natureza.

Se, segundo Clausewitz, o «*pôr fóra do combate*» é, para falar com propriedade, o fim da guerra, o primeiro objectivo da mesma guerra será o aniquilamento das forças inimigas pela batalha. O fim da guerra é assim atingido na sua parte principal e o terreno fica preparado para uma paz vantajosa. É aqui que se patenteia a diferença capital entre a direcção da guerra terrestre e a da guerra marítima. Na primeira é tudo atingido com a ultima batalha decisiva; mas o combate naval vitorioso, mesmo que ele tenha dado lugar á destruição completa da esquadra inimiga, quando muito, conferirá ao vencedor o dominio do mar, que se limita sómente ás costas do país inimigo. Na opinião de Clausewitz o «*pôr fóra do combate*» não é applicavel na guerra marítima entre dois adversarios separados pelo mar, ou por estados neutros. A propria batalha de Trafalgar, apesar de tão decisiva, não fez cessar as hostilidades entre a Inglaterra e a França; da mesma fórma a Russia tambem não ficou derrotada depois de Tsushima, como se demonstrou pela continuação das negociações de Portsmouth. A luta pelo dominio do mar é apenas o primeiro passo indispensavel da guerra marítima. A segunda acção, mais decisiva, que deve ligar-se á primeira, é a utilização desse dominio, que consistirá em causar todo o possivel prejuizo ao commercio marítimo inimigo, destruindo-lhe a sua marinha mercante, impedindo-lhe as suas importações e exportações com o bloqueio, numa palavra, arruinando o commercio inimigo sob o ponto de vista economico; medidas estas que tomam a denominação de *meios indirectos da guerra marítima*. A estas medidas terá de ajuntar-se a utilização militar da superioridade no mar pela conquista das colonias e dos pontos de apoio ultramarinos do adversario, por excursões nas costas inimigas, pela extorsão dos portos, por ataques contra as fortificações costeiras, etc.

Comtudo o que um adversario energico e sem considerações poderá conseguir com esses meios indirectos que se seguem ao combate das esquadras, no que diz respeito á derrota definitiva do adversario e á obtenção da paz, está intimamente ligado com a dependencia do mar em que se encontra o inimigo.

O grau desta dependencia póde ser muito diferente: ou

muito grande para ilhas como a Inglaterra e o Japão, ou muito fraco para potencias puramente continentais como a Russia. Como ultimo meio decisivo não resta senão utilizar, tanto quanto seja necessario, o mar conquistado, graças á preponderancia nelle obtida, e começar as operações em terra nos logares em que a guerra maritima não possa ter influencia; porque só a guerra terrestre possui, contra um adversario tenaz, a arma mortifera que o fére no coração. Por isso, as guerras maritimas mais grandiosas e mais ferteis em ensinamentos foram aquelas em que se tentou e conseguiu este ultimo meio: o desembarque de um exercito poderoso para alcançar a acção decisiva sobre o territorio inimigo. Nestas circunstancias a esquadra deve ser posta inteiramente ao serviço do plano geral e considerar como desempenhada a parte mais difficil da sua missão se conseguir: 1.º, preparar e cobrir o transporte do exercito para as costas inimigas; 2.º, apoiar o desembarque das tropas; 3.º, assegurar de uma maneira permanente os reabastecimentos e os transportes ultteriores. Isto é, a esquadra não viverá para si, mas pertencerá unicamente á empreza geral que foi confiada ao exercito. Se tantas operações combinadas de forças terrestres e maritimas se têm malogrado lastimavelmente, é porque estas condições primordiais foram desprezadas ou transgredidas.

O fim das linhas que se seguem é discutir, por meio de um certo numero de exemplos, as condições fundamentais destas acções combinadas e examinar a sua marcha e os seus resultados, sob o ponto de vista estrategico. Intencionalmente passaremos em silencio todas as pequenas operações realizadas nas costas do inimigo, chamadas *raids*, de que tanto se fala hoje em Inglaterra. Estas diversões, muito numerosas na historia das grandes guerras maritimas do tempo dos navios de véla, foram sempre operações secundarias, que, comquanto tivessem um fim, como, por exemplo, paralisar as forças inimigas de terra e de mar, comtudo nunca eram decisivas, sob o ponto de vista da estrategia da destruição, nem tinham a intenção de começar a guerra em terra, para derrotar o inimigo, contentando-se apenas no principio com pequenos exitos locais. Em consequencia da falta de espaço, nós não poderemos tratar tambem, senão muito levemente, da cooperação tática dos exercitos de terra e de mar no combate, bem que ela nos apresente numerosos ensinamentos. Todavia para não passarmos completamente em

claro este assunto, citaremos resumidamente, dois factos da historia moderna: a parte que tomaram as canhoneiras russas e japonêsas no combate de Kintchou, em 26 de maio de 1904 e sobretudo o magnifico apoio da defeza das posições de Tschataldscha, pelos couraçados turcos, que varias vezes e muito victoriosamente combateram com as suas peças de grande alcance. As duas posições Kintchou e Tschataldscha assemelham-se muito, porque ambas estavam situadas em istmos, o caso mais favoravel para uma cooperação dos exercitos de terra e de mar em um combate.

A questão primordial de qualquer cooperação estrategica do exercito e da armada é a seguinte: poder-se ha, com algumas probabilidades de bom exito, tentar um grande transporte de tropas pela via maritima, composto de centenas de navios, sem haver préviamente, conquistado a supremacia do mar? Esta questão tão importante sob os pontos de vista militar e politico, é decisiva. Todos se lembram decerto, que no tempo do antigo ministro da guerra inglêz, lord Haldane, foi criado em Inglaterra um grande corpo expedicionario permanente de 170:000 homens, com o fim de tomar parte numa guerra continental do lado do exercito francês, sendo abertamente designado como ala esquerda do mesmo exercito. O transporte deste corpo para o continente seria, sem dúvida, a missão mais difficil, que se teria exigido até hoje numa acção combinada das forças de terra e de mar; difficil, não pelo elevado numero de tropas, pois que bem mais elevado foi o das transportadas durante as guerras da Criméa, dos boers e russo-japonêsa, mas e sobretudo porque qualquer empreza desta natureza só tem probabilidades de exito estrategico, quando é levada a efeito logo depois do inicio das operações. Só um auxilio immediato asseguraria uma participacão na grande batalha decisiva em terra e por consequencia um socorro eficaz para o exercito francês. Este transporte poderia ter sido emprendido antes de se haver conquistado, ou pelo menos assegurado a supremacia no mar da Mancha ou no mar do Norte? Sabe-se que um certo numero de profissionais ingleses o afirmaram teoricamente ha uns dois anos, quando a tensão anglo-alemã foi mais forte; mas, a teoria é um guia muitas vezes ofuscado pelas paixões de ocasião. A ligação necessaria entre a teoria e a pratica é o exemplo do passado, os ensinamentos da historia, dos quais unicamente se podem obter indicações

imparciais, isentas de prejuizos em casos tão difíceis, e será nesta conformidade que desenvolveremos as considerações que se seguem.

A historia das guerras maritimas poucos exemplos nos apresenta com resultados satisfatorios da cooperação estrategica dos exercitos de terra e mar: verdadeiramente só as guerras punicas e a guerra russo-japonêsa, isto é, os tempos antigos e modernos dando-se as mãos sob este ponto de vista. É que as grandes condições estrategicas, em que se desenrola a guerra maritima, são sempre as mesmas para todas as mudanças do tempo e das coisas, quer se trate de pezados navios e galeras penosamente movidos a remos, ou de poderosos couraçados e de ageis torpedeiros, animados pela energia do vapôr, como se fôra uma força invisivel. Eu já tentei provar num artigo publicado nesta *Revista* ha dois anos, que as forças maritimas representam um papel importante nas guerras punicas, sobretudo na primeira¹. Agora limitar-me-hei a mencionar, que o resultado decisivo da segunda guerra punica, favoravel a Roma, foi obtido pela incontestavel supremacia do mar, podendo Scipião Africano desembarcar o seu exercito na costa d'Africa, sob a protecção da esquadra e dar o golpe decisivo a Anibal em Zama. A superioridade no mar facilitou-lhe o caminho até ao coração do inimigo.

Mais de 2:000 anos depois, tentou Napoleão, na sua famosa campanha do Egipto, em 1798, alcançar o mesmo resultado obtido por Scipião, mas sem ser apoiado pela superioridade maritima. O desembarque foi bem sucedido, mas esta campanha, considerada no seu conjunto, será na verdade uma prova de que possa evitar-se o combate pela supremacia no mar, quando sabe aproveitar-se a sorte? Os marinheiros ingleses, acima citados, dão justamente este exemplo de Napoleão em apoio da sua teoria, que tem tambem muitos partidarios na Alemanha. Mas, transportar um grande exercito por mar, desembarcalo numa costa longiqua para o empregar numa campanha regular em país inimigo, não é só conduzir esse exercito e as suas

¹ Veja-se o meu artigo: «O combate entre Roma e Carthago para a supremacia no Mediterraneo», ano de 1912, n.º 29 de 21 de julho do «Zeitschrift für Vissenschaft, Literatur und Kunst—Supplément der Hamburger Nachrichten».

bagagens por meio de uma esquadra potente e numerosa, sem obstaculos, atravez das linhas inimigas, não é aproveitar-se de um momento de fraqueza e de perigo para tais emprezas e utilizar com vantagem a ocasião de um desembarque nas costas do adversario; é sobretudo servir-se do mar entre o exercito e a patria de uma maneira continua como base de operações e como caminho para os abastecimentos, isto é, dominar o mar no sentido militar. Napoleão conseguiu realizar as duas primeiras das três condições indispensaveis em qualquer invasão victoriosa dum país inimigo, porque a Inglaterra havia cometido o grave erro de abandonar o Mediterraneo, erro de que o grande general tirou partido de uma maneira magistral, conservando o governo inglês no continuo receio de um desembarque em Inglaterra, graças ao segredo absoluto de todos os preparativos e a um serviço de informações admiravelmente organizado, que levaram o mesmo governo para uma falsa pista. A segunda circumstancia que favoreceu Bonaparte foi a grande felicidade que quasi sempre o acompanhou, talvez unica na historia. Duas vezes, durante a travessia para a Alexandria, que durou seis dias Nelson passou perto da imensa esquadra francêsa com os seus pezados quatrocentos navios de transporte: dois dias antes da chegada daquela esquadra á Alexandria, já ele lá estava e comtudo não viu o inimigo, nem sôube coisa alguma dele. Será possivel no futuro, em presença dos serviços prestados pela telegrafia, encobrir a concentração e a travessia de um tal transporte? Poderá uma esquadra de pequena velocidade fugir á acção de cruzadores rapidos e da telegrafia sem fios? Deve, sem receio, responder-se negativamente a estas duas perguntas. E demais, se Napoleão poude realizar a segunda condição indispensavel para o bom exito da execução de uma empreza ousada, conseguir, sem risco, o desembarque do exercito, foi isso devido á circumstancia de conservar em segredo absoluto o fim da sua viagem, podendo assim desembarcar de surpresa numa costa sem defeza. A terceira condição, ter as comunicações asseguradas com a patria, não se realizou desde o momento em que a esquadra francêsa, em vez de combater, se deixou surpreender e aniquilar por Nelson na notavel batalha de Aboukir, em 1 de agosto de 1798. Desta fórma se decidiu a sorte do exercito francês, que ficou separado da sua patria, e este empreendimento, tão importante para a historia mundial e do qual

Napoleão esperára o aniquilamento do imperio britânico, malogrou-se irremediavelmente.

Napoleão, havia desembarcado na Alexandria com 36:000 homens; pois foram apenas os restos miseráveis desse altivo e orgulhoso exercito que se renderam aos ingleses, senhores do mar. O resultado final foi um verdadeiro desastre. Isto demonstra que um exercito, separado da sua patria pelo mar, está perdido, se a esquadra do seu país não dominar esse mar, para assegurar duma maneira permanente, os reforços e os abastecimentos; tal como o gigante Anteo, da fabula grega, no seu combate com Hercules, deveria sempre beber forças do sólo natal para não succumbir.

Na campanha de Bonaparte no Egipto, pelo menos o transporte e o desembarque do exercito, fizeram-se com bom exito; mas no seu outro empreendimento para vencer a Inglaterra por uma invasão rapida em 1804-1805, não saíu do periodo dos preparativos¹. Cem mil homens deviam ser transportados na Mancha em barcos de remos e desembarcados na costa sul de Inglaterra. Napoleão proseguiu apaixonadamente neste audacioso plano, ao qual faltavam as três condições, que acima classificámos de indispensáveis. Desde que existiam os grandes preparativos na costa francesa, deixaria de haver a surpresa; ora desembarques numa costa inimiga, regularmente defendida, são tão arriscados que certamente nunca darão bom resultado. O proprio Napoleão reconheceu depois claramente que o dominio do mar da Mancha era necessario para uma tal empresa, escrevendo em 1798 ao Directorio para Paris, as seguintes palavras, hoje e sempre verdadeiras: «Tentar um desembarque em Inglaterra sem ter o dominio do mar, seria a empresa mais ousada e mais difficil, que jámais foi executada». Bonaparte diligenciou sempre reunir na Mancha as suas esquadras de Brest, Lorient e Toulon, mas, os almirantes ingleses souberam sempre impedir-lh'o.

A batalha de Trafalgar, consequencia destas empresas, aniquilou definitivamente a marinha francesa, deixando tambem de existir o terrivel plano duma invasão em Inglaterra. É possivel que a resolução de Napoleão de abandonar a expedição tenha

¹ Ver detalhes na obra de V. Jansons: «Der Überfall über See als Feldzugseinheitung». — Berlin, chez Eisenschmidt, 1909, chap. I.

sido inspirada pela dificuldade de transportar um grande exercito em barcos abertos sobre um mar tão tempestuoso como o da Mancha; o imperador tinha sido mal aconselhado.

Daqui se deduz um outro principio que muito convém ter em vista: qualquer empreza de certa importancia no mar precisa de uma preparação excessivamente cuidada em tudo o que diz respeito ao numero, á velocidade, ás instalações interiores e á habitabilidade dos navios que forem destinados a essa empreza. Por isso, só profissionais poderão procedêr á escolha dos navios da marinha mercante que convenham.

O grande plano de campanha de Napoleão, contra a Inglaterra, tinha de malograr-se, por não se ter conseguido o dominio do mar da Mancha; mas uma empreza desta natureza póde tambem deixar de ter bom exito mesmo que satisfaça por completo a esta condição, como se demonstra com a maior expedição de desembarque que a Inglaterra tem organizado, a de Walcheren em julho de 1809, para a conquista de Flessingue e destruição dos estaleiros e navios franceses que ali se encontravam, assim como em Anvers. Cêrca de 40:000 homens foram conduzidos para a embocadura do Escalda, em 400 navios de transporte, escoltados por uma esquadra gigante de 40 navios de combate. A expedição foi favorecida pelo inhabil serviço de segurança dos franceses e as tropas desembarcaram na ilha de Valcheren, em 30 de julho de 1809. Depois de um cêrco de quinze dias, Flessingue foi tomada, mas este espaço de tempo foi suficiente aos franceses para reforçar Anvers e colocar a esquadra em segurança atraz dos rochedos.

Disputas constantes entre os comandos dos exercitos de terra e de mar, relativamente a questões de competencia, paralisaram a actividade do corpo expedicionario, que, enfraquecido tambem pelas perdas e pelas doenças, teve de retomar sem gloria o caminho da Inglaterra, em meados de setembro: insucesso completo e prova de que uma expedição em país inimigo póde malograr-se, em condições de comando mal definidas, mesmo que o invasor tenha o dominio incontestado do mar.

Estes exemplos de cooperação estrategica dos exercitos de terra e de mar, nos tempos da navegação á véla, exemplos que, com facilidade, poderiamos multiplicar, mostram claramente que naquela época em que a guerra era simples e em que não se fazia idéa alguma das maquinas a vapor, dos torpedos, dos ca-

bos submarinos e da telegrafia sem fios, as grandes operações combinadas em terra e no mar tinham maiores dificuldades e nunca se obteve com elas um resultado final completo no sentido strategico. Os ensinamentos da historia dos tempos mais recentes, tais como no-los oferecem a guerra da Crimêa, a guerra da Sessessão americana e, sobretudo, a guerra russo-japonêsa, de que nos ocuparemos na segunda parte d'este estudo, vêm completar e aumentar estas asserções de uma maneira consideravel, porque demonstram que, mesmo com o auxilio das armas aperfeiçoadas e de todos os meios de guerra das esquadras modernas, o transporte de grandes exercitos não pode ter probabilidades de bom exito, se não satisfizer por completo ás condições acima indicadas para o conseguimento de uma tal emprêsa.

Pouco mais ou menos entre os dois grandes periodos da historia das guerras maritimas, o da navegação á véla, de que acabamos de nos ocupar, e o da navegação a vapôr, de que trataremos nas paginas seguintes, desenrola-se uma guerra importante para a questão da cooperação das forças terrestres e maritimas em operações combinadas, a guerra da Crimêa (1853-1856), que levou a França e a Inglaterra a socorrer em comum a Turquia ameaçada pela Russia. Comquanto a parte principal das esquadras fôsse ainda constituída por navios de véla, principalmente entre os russos, comtudo havia já grandes navios de hélice. Os franceses, sob a direcção habil do seu notavel engenheiro maritimo, Dupuy de Lôme tinham aberto o caminho, precedendo os ingleses nesse melhoramento, facto de que naturalmente ninguem hoje se quererá lembrar do outro lado da Mancha. Mas, da mesma maneira que no tempo de Colbert, os franceses não souberam explorar a sorte e despresaram as occasiões oferecidas por uma situação maritima tão favoravel, não só no tempo da navegação á véla, como mais tarde, faltando-lhe, segundo parece, a compreensão do que vale o dominio do mar na balança da politica internacional. Segundo a afirmação de Ratzel, «o mar nunca conseguiu educar a França de forma a tornar-se uma potencia mundial». Pela primeira vez, depois de quasi duzentos anos, os dois inimigos hereditarios, a França e a Inglaterra combateram ao lado uma da outra, na guerra da Crimêa. Tratava-se de surpreender o porto de guerra da armada russa no mar Negro, Sebastopol; a rapidês era a condição es-

sencial, mas para embarcar um corpo expedicionario franco-anglo-turco de 60.000 homens em Verna foram precisos oito dias, apesar do cuidado com que se fizeram os longos preparativos e de a marinha mercante inglêsa ter fornecido 150 navios, entre os quais havia já alguns de vapôr. Mas os navios mercantes não foram suficientes e os de combate franceses e turcos deviam levar a bordo até 2.000 homens cada um, o que lhes tirou completamente a sua capacidade para a luta. Os navios de véla foram rebocados por vapôres, em seis longas colúnas, pouco manobráveis e escoltados pela armada inglêsa (doze navios de linha, dos quais dois de hélice). A este transporte gigantesco foram precisos nove dias completos para chegar ao lugar do desembarque ao sul de Eupatoria, isto é, para percorrer apenas 250 milhas (parece incrível, mas é verdadeiro), porque os comandos superiores das tropas terrestres e marítimas, os franceses e os ingleses disputaram vivamente, durante a viagem, sobre qual seria o melhor ponto de desembarque e daí resultaram idas e vindas desnecessarias na costa ocidental da Crimêa. Notemos de passagem que isto é uma prova da fraqueza inevitavel das alianças marítimas. Perguntar-se-há com razão, onde se achava a esquadra russa, com os seus catorze navios de linha á véla, prontos para o combate e que acabavam de aniquilar uma esquadra turca perto de Sinope. Este facto inacreditavel de os aliados ousarem realizar esse transporte sem haver destruido a esquadra russa, ou, pelo menos, sem a haver bloqueado em Sebastopol, foi excedido por outro ainda mais inacreditavel, que foi os russos não haverem utilizado essa inesperada situação favoravel, deixando esse gigantesco, pesado e insuficientemente escoltado transporte continuar tranquilamente o seu caminho. Acrescente-se ainda a tudo isto a circunstancia, de todo o ponto incompreensivel, de não tentarem mesmo impedir o desembarque, vigiando e defendendo as costas da Crimêa, para, pelo menos, o tornarem mais difficil. Assim, não só os aliados poderam transportar o seu exercito sem qualquer obstaculo, mas tambem desembarca-lo na costa inimiga em 17 de setembro de 1854, sorte que talvez jamais se repita. Os russos, petrificados de mêdo, fizeram deslizar furtivamente toda a sua esquadra para Sebastopol, a fim de impedir a entrada no porto, mas mesmo aí ela foi destruida ingloriamente, assim como, cincoenta anos mais tarde, a esquadra russa

de Port-Arthur, numa posição estratégica análoga. Póde considerar-se a guerra da Crimêa como um exemplo frisante de que os erros estratégicos graves na guerra marítima podem equilibrar-se dos dois lados, mas a vitória pende sempre para o lado da ofensiva, porque, em casos semelhantes, a defensiva rígida e inflexível, deve forçosamente acabar por ser vencida sem remédio.

Um exemplo muito diferente nos fornece a guerra da Sessessão da America do Norte (1861-1865), guerra marítima em que a vitória foi assegurada definitivamente pelo dominio do mar dos Estados do Norte. Comquanto esta guerra tenha sido essencialmente marítima e os meios indirectos da guerra naval tenham contribuido mais para a vitória dos Estados do Norte do que os combates terrestres, é certo, comtudo, que no seu decurso se apresentaram repetidas ocasiões em que os exercitos de terra e de mar cooperaram de uma maneira constante e vantajosa. Como os Estados do Sul quasi não possuíam esquadra, os Estados do Norte não tinham necessidade de combater para assegurarem o dominio do mar, podendo a sua esquadra, muito superior e constantemente reforçada, iniciar o bloqueio. O exercito e a armada dos Estados do Norte em operações combinadas, apoderaram-se das «obras exteriores» do inimigo, das suas numerosas ilhas, das embocaduras dos rios e das entradas dos canais, umas após outras, garantindo assim os pontos de apoio necessarios para manter um grande bloqueio comercial, cuja eficacia economica enfraqueceu quasi completamente os Estados do Sul, e terminou a guerra. Nesta longa guerra civil os exercitos de terra e de mar cooperaram frequentemente em empresas comuns. Por exemplo, no segundo ano da guerra (1862) a esquadra dos Estados do Norte transportou, duma maneira modelar, um grande exercito de 120.000 homens de Potomac para o forte Monroe e reconduziu-o sem obstaculo a Potomac, depois do malogro da sua operação militar, a conquista de Richmond, protegido pela supremacia do mar: sem a esquadra, este exercito ter-se-fa perdido. É com toda a razão que o almirante von Maltzahn afirma no seu belo estudo, — «Der Seekrieg», a guerra marítima — que a guerra da Sessessão nos fornece todos os exemplos imaginaveis da cooperação que uma esquadra póde dispensar ás tropas terrestres.

Citaremos tambem a guerra chino-japonêsa e a hispano-

americana. Nestas duas guerras, a superioridade obtida por um combate (Yalu, 1894), ou por um bloqueio (S. João de Cuba, 1898) permitiu ao assaltante o emprego das suas forças terrestres com bom resultado para abater o inimigo. Mais grandiosa, relativamente á cooperação estratégica dos exercitos de terra e de mar, do que esses encontros semelhantes ás guerras coloniais dos tempos passados, pode mesmo dizer-se, o exemplo mais elevado de uma guerra terrestre e marítima combinada, que a historia conhece até á actualidade, é a guerra russo-japonêsa (1904-1905), cujos ensinamentos mais importantes e de valôr duradouro pertencem á cooperação preliminar dos dois exercitos¹. A singularidade desta luta terrível entre a Russia, potencia continental, e a nascente potencia marítima do Extremo Oriente, não pode ser expressa com mais precisão, nem mais resumidamente, do que pelas palavras do almirante von Maltzahn: «Esta guerra é unica na historia moderna, porque pela primeira vez, depois de seculos, se reuniram nas mãos de um povo os meios de aniquilar o adversario numa guerra terrestre, depois de a armada vitoriosa haver tornado livre o caminho do mar para o exercito». A superioridade do mar foi utilizada em proveito do exercito de terra, facto sobre que é preciso insistir, porque há muito quem pense que o exercito japonês foi transportado para a Corêa antes de o Japão ter o dominio do mar.

Quando se deu a ruptura das relações diplomaticas entre a Russia e o Japão, em 6 de fevereiro de 1904, as forças navais dos dois adversarios no Extremo Oriente eram quasi iguais. A surpresa, realisada na noite de 8 de fevereiro pelos torpedeiros japoneses, deu a vantagem ás forças desta nação, em consequencia das graves avarias sofridas por dois couraçados russos, podendo assim o almirante Togo reservar as suas unidades para o último combate decisivo inevitavel com a esquadra russa do Baltico, em preparação. Apreciando o adversario pelo seu justo valôr, contentou-se em deixar a sua esquadra inactiva e em conservar as suas comunicações, a fim de vigiar Port-Arthur, em vez da decisão incerta de um combate, ou de um bloqueio trabalhoso e enervante. Este processo não teria nunca dado bom

¹ Ver von Janson: «Das Zusammenwirken von Heer und Flotte im russisch-japanischen Kriege» Cooperação do exercito e da armada na guerra russo-japonêsa. — Berlin, Eisenschmid, 1905, etc.

resultado com um inimigo activo, energico, desejoso de combater, e não corresponde tambem aos principios da direcção da guerra bem orientada, porque Togo podia, na manhã de 9 de fevereiro, aniquilar dum golpe a esquadra inimiga, paralisada pela surprêsa e conseguir em um só dia aquilo com que, mais tarde, gastou meses. Esta direcção pouco vigorosa da guerra foi facilitada, ou antes tornou-se possivel a Togo pela instalação de um ancoradouro protegido entre as ilhas de Elliot, como ponto de apoio da esquadra, cuja excelente posição estrategica (afastamento de Port-Arthur 60 milhas apenas) lhe permitiu não só impedir os navios russos de penetrar no mar Amarelo, porque podia sempre ataca-los de flanco com o auxilio das velocidades superiores de que dispunha, mas tambem cobrir ao mesmo tempo o desembarque do 2.º exercito japonês nas costas da peninsula de Liaotung, situada em frente. Este ponto de apoio, muito notavelmente bem escolhido, desempenhava, pois, a dupla missão de servir de base de operações para a esquadra e de travez de cobertura para o desembarque do exercito que, desta maneira, poderia realisar-se em um local mais favoravel do que a Corêa, sob o ponto de vista estrategico, proximo de Port-Arthur, que era necessario conquistar e mais proximo ainda da Mandchuria, onde era necessario entrar. Chamaremos a atenção aqui para o facto de todos os desembarques de tropas japonesas, nesta guerra, se efectuarem em costas neutras não fortificadas. Actualmente isso seria, por assim dizer, impossivel numa costa fortificada. Quando, como na baía de Tchemulpo, navios russos impediam o desembarque das tropas, a primeira operação da esquadra japonêsa, ao serviço do exercito de terra, consistia em os desalojar (combate de 9 de fevereiro).

A razão principal do bom exito dos desembarques dos corpos de exercito japoneses, realizados com uma precisão e rápidos muito notaveis, foi o auxilio e o apoio eficás, que constantemente lhe foram prestados pela esquadra. Uma divisão especial de antigos navios estava encarregada de escoltar os transportes do exercito, constituindo-se tambem um *comando da marinha* cuidadosamente educado, que era encarregado dos trabalhos, sempre penosos e cheios de responsabilidade, dos desembarques, construção de pontes, etc., e que se desempenhou da sua missão de uma maneira exemplar. A marinha conservava sempre o comando das forças durante o transporte até ao fim

do desembarque e foi talvez devido a isso que se conseguiu, sem os attrictos tão frequentes entre os comandos das tropas de terra e de mar, desembarcar cêrca de 100:000 homens nos três primeiros meses da guerra em diferentes pontos das costas da Corêa com segurança e sem qualquer incidente, facto que é, na verdade, para admirar. Apoiados na superioridade do mar dos japoneses, absolutamente incontestavel depois da batalha de 10 de agosto, puderam assegurar sem obstaculos os municiamentos, os transportes de feridos e doentes para o Japão, os abastecimentos do exercito japonês, sempre mais aumentado e combatendo nos territorios cada vez mais assolados da Mandchuria. Calcula-se que, ao todo, foram transportados do Japão para o continente 400:000 homens durante a guerra, em cêrca de 200 vapores fretados pelo governo. Não sendo este número de navios sufficiente para transportar todo o exercito por uma só vez, o desembarque teve de ser escalonado, fazendo notar de passagem, que, segundo nos parece, foi esta uma das razões da demora do comêço da guerra em terra. Assim como os demais acontecimentos desta guerra, a cooperação dos dois exercitos de terra e de mar para a derrota do adversario foi, sem duvida alguma, muito notavel, todavia os ensinamentos que daí se poderiam colher não nos dão ideias claras. Porque pelo que respeita á guerra maritima, os japoneses tinham a lutar contra um inimigo paralisado na sua força de resolução. Não se deve pois, do decurso desta guerra, deduzir a conclusão de que será possível, sem dificuldades, efectuar um grande transporte de tropas em aguas, cujo dominio seja ainda contestavel. O ensinamento, que ainda subsiste desde o tempo dos navios de véla, é que a supremacia do mar é necessaria pelo menos nas aguas percorridas pelo transporte, e se não se tiver conquistado ainda essa supremacia, quer por uma batalha, quer por um bloqueio das forças navais inimigas nos seus portos, apenas haverá o recurso de defender esse mar, por meio de uma esquadra muito superior á do inimigo. Nada seria mais perigoso do que travar um combate em presença, ou mesmo sómente nas proximidades de uma grande esquadra de transporte. A surprêsa, o nevoeiro, o mau tempo, as multiplas particularidades do mar no que diz respeito ao campo da batalha, apresentam tão boas occasiões a um adversario energico, assim como a falta de observação desta precaução poderia acarretar as mais graves conse-

quencias. Demais as armas mais modernas da guerra marítima, o submarino e o dirigível, contra os quais qualquer esquadra, por mais poderosa que seja, se encontra ainda sem defêsa, tornam o comboio de grandes transportes de tropas em aguas, cujo dominio não esteja assegurado, de resultados ainda mais incertos. Estas dificuldades aumentam tambem com a distancia a percorrer, pois que, se elas são já consideraveis para o curto trajecto de Douvres a Calais, o transporte de tropas, por exemplo, da Algeria para a França, ou do Japão para a California, forçaria a conquistar primeiramente a supremacia absoluta do mar, para depois se tentar então realisar com bom exito, qualquer dessas operações. E assim poder-se há admitir o juizo e a conclusão de um dos marinheiros de maior autoridade actualmente, o almirante inglês sir Cyprian Bridge, exposto na sua excelente obra! *Naval Warfare*, que sómente a potencia dominante no mar poderá atacar o inimigo, onde lhe aprouver, ajuntando textualmente: «*And evidently the control of maritime communications must be obtained before a great military expedition can be sent across the sea*».

*

*

*

O ponto de partida destas considerações estratergicas é a suposição baseada nas condições europeas actuais, de que a futura guerra será, segundo todas as probabilidades, terrestre e marítima combinada. Se, depois de nas paginas precedentes havermos tentado formar uma ideia das condições fundamentais de uma tal guerra, sobre a base da historia, voltarmos a este ponto de partida, veremos imediatamente que a Inglaterra, creando um corpo de exercito expéditionario para tomar parte numa guerra continental, deve abandonar os principios já experimentados na historia atravez de muitos seculos, e cheios de resultados felizes. Comquanto até agora, em quasi todas as suas lutas com as potencias continentais, ela se tenha contentado com utilizar a sua supremacia no mar para engrandecer o seu commercio, as suas possessões e a sua riqueza com o auxilio da superioridade da sua esquadra, fazendo a guerra marítima exclusivamente para deixar ás nações, suas aliadas, o encargo da guerra terrestre, agora deve servir-se do seu

incontestavel dominio maritimo para lançar uma ponte até ao continente e tomar parte ella propria na guerra terrestre. Não só os principios da direcção da guerra em Inglaterra, herança historica, se acham modificados, mas tambem a sorte dos seus adversarios. Se a esquadra inimiga não fôr aniquilada num combate decisivo logo no comêço da guerra, ou estreitamente bloqueada, a Inglaterra terá o encargo dos transportes de tropas, que deverão realisar-se logo a seguir, e isto immobilizará, pelo menos por algum tempo, as suas forças navais de combate, impedindo-a assim de empregar essas forças superiores na protecção dos seus interesses maritimos e no ataque contra as do inimigo, que terão a sua liberdade de acção até á batalha decisiva.

Todas estas considerações, que resultam da discussão das condições estrategicas de uma cooperação dos exercitos de terra e de mar, saem do dominio de uma questão de detalhe, para se tornarem da competencia da direcção superior da guerra e mostram que o *ponto decisivo* para o bom exito de uma tal empreza é, e será sempre, a esquadra, tanto para amigos como para inimigos. Na situação estrategica extremamente desfavoravel em que nos encontramos, claramente se vê a necessidade de mantermos a nossa esquadra forte e pronta para o combate, de forma que, mesmo o adversario mais poderoso, não possa facilmente impôr-lhe a defensiva pura, que, nas guerras maritimas, sempre tem levado á derrota. Em presença de um adversario energico e desejoso de combater, a acção ousada dos japoneses na ultima guerra, ou a dos aliados na guerra da Crimêa, não deverá, certamente, ser imitada! Segundo os ensinamentos da historia isto pode ser considerado, sem exagero, o resultado de um inquerito imparcial á cooperação estrategica dos exercitos de terra e de mar numa guerra ao mesmo tempo terrestre e maritima.

(Da *Internationale Revue über die gesamten Armeen und Flotten* — juillet 1914).

Tradução de F. DE MAGALHÃES.

Instrução dos agentes de ligação da infantaria

Reconhecida a necessidade dos agentes da ligação, ¹ salientada a importancia de assegurar uma ligação material, que evite as amargas realidades provenientes de esforços isolados, acções valorosas mas absolutamente perdidas para o resultado final, cumpre-nos expôr o processo de preparação que, segundo julgamos, conseguirá um pessoal perfeitamente adéstrado na execução segura das ligações entre as unidades de infantaria e da artilharia com a infantaria.

A questão da instrução é fundamental para o funcionamento das instituições militares. A instrução para ser perfeita, permitindo elementos de absoluta confiança, não depende tanto do tempo que lhe fôr destinado, como do método, do criterio absolutamente seguro que fôr seguido. Um numero de sessões, na apparencia extremamente reduzido, poderá conseguir resultados apreciaveis, se os instrutores, conhecedores da missão que lhes cumpre, seguirem uma progressão metódica no seu ensino, se caminharem sem saltos bruscos, orientando duma maneira bem nitida a aquisição dos conhecimentos, interessando-se e interessando os seus subordinados. Evidentemente, quanto menor fôr o numero de sessões destinado a uma instrução, mais perfeitamente esse assunto deve ser conhecido dos instrutores, estes deverão possuir um espirito mais calmo, mais metódico, que lhes permita elaborar sínteses rigorosas, inculcando-as no espirito dos instruendos. E' o aperfeiçoamento dos quadros, que, principalmente, concorre para o exito dum determinado ramo de instrução.

A instrução geral das tropas, como a instrução de qualquer especialidade, deve obedecer a um determinado criterio perfeitamente assente, que constituindo o objetivo de todos os trabalhos, permita seguir firmemente o caminho traçado.

¹ Revista Militar. Outubro 1914.

Assim a instrução dos agentes da ligação deve ser orientada num sentido tactico. Existiram no nosso Exercito os telegrafistas de infantaria, mas, ao que nos consta, nunca foram utilizados em qualquer exercicio da arma. O mesmo succedeu no Exercito Francês. O major Niessel ¹ afirma que os sinaleiros foram suprimidos ha quinze anos sem deixar saudades. E continua: «os sinaleiros conheciam apenas o A. B. C. do seu emprêgo — a *sinalisação* — e nada sabiam do emprego tactico dos sinais; os officiais, que os deveriam utilizar, não estando habituados ao seu emprego, deixavam que nada fizessem. Nestas circumstancias, era opinião unanime, que os sinaleiros eram perfeitamente inuteis, escapando constantemente á acção dos chefes dirêtos, sob pretexto da sua instrução especial». Hoje reconhece-se no Exercito Francês a necessidade de dispôr cada unidade de infantaria dum numero consideravel de sinaleiros e uma campanha activissima se iniciou, já ha anos afim de conseguir que as ligações sejam seguras e rapidas entre as tropas empenhadas no combate. No nosso Exercito, foi a Comissão Technica de Infantaria, que redigiu as primeiras instruções para agentes de ligação, orientando-as sob o ponto de vista tactico e abandonando o criterio seguido nas anteriores instruções de telegrafistas de infantaria, que prescreviam apenas disposições de character tecnico.

A Comissão Technica de Infantaria continuando a orientação já esboçada na 2.^a parte (*Combate*) do Regulamento tactico da infantaria e acentuando duma forma precisa a sua orientação diz nas *Instruções para os agentes de ligação da infantaria*. ² «A instrução des agentes de ligação será ministrada em terrenos variados e *obedecendo sempre a hipoteses tacticas muito simples*. Só o ensino do alfabéto Morse e do *codigo de sinais* será feito nas paradas dos quartéis durante as primeiras sessões».

As I. A. L. pretendem, désta maneira, evitar um ensino absolutamente improdutivo, que ministrado, desde a primeira sessão á sessão da prova final, nas paradas dos quartéis não daria ás praças a mais ligeira noção das exigencias, a que deverão

¹ Prefacio dum folheto do Tenente Baron — Les liaisons par signaux à bras.

² Designaremos por I. A. L.

satisfazer. Poucas sessões bastam para o ensino elementar dos sinais a transmitir ou receber e esta instrução tornar-se-á sem interesse, em pouco tempo, se o instrutor não variar o terreno dos exercicios, não estabelecer hipoteses tacticas, que o espirito do soldado facilmente apreenda, demonstrando-lhe praticamente as vantagens do emprego dos agentes de ligação e as cautélas, que se deverão tomar na sua utilização. Ainda se torna indispensavel, que os sinaleiros não se julguem permanentemente separados das suas unidades organicas, constituindo uma unidade independente e nésta orientação, por certo, as I. A. L. constituem *grupos de instrução*¹ e dizem: «convem, que as praças do grupo de agentes de ligação tomem parte nos exercicios de conjunto, devendo ser utilizados no serviço da sua especialidade.» Parece-nos, que esta disposição deveria ser mais formal determinando v. g., que «os agentes de ligação tomariam parte, no ultimo periodo da escola de recrutas, *em todos os exercicios de companhia e batalhão*, prestando os serviços da sua especialidade.» O emprego oportuno dos sinaleiros seria para êles um estímulo, verificando que eram necessarios para transmitir ordens, informações e noticias e que tornavam muito rapidas as comunicações; ao mesmo tempo os comandos das unidades reconheceriam as vantagens do seu emprêgo, verificariam que o seu espirito permanecia mais tranquilo, que, devido a esses auxiliares, todas as manobras decorriam na mais perfeita ordem, progredindo as diferentes fases do exercicio, na área já importante que hoje ocupa um batalhão, sem atritos, sem quaisquer dificuldades. As I. A. L. deveriam, talvez, precisar duma maneira mais nitida o criterio, que as orienta.

Não querem que os *agentes de ligação* constituam uma unidade independente, marchando sob o comando do official instrutor, que asseguraria nas diferentes situações, debaixo da sua responsabilidade exclusiva, a ligação entre as frações da respectiva unidade. De facto, só os comandantes das unidades devem cuidar da sua ligação, utilizando os homens devidamente instruidos, só êles sentem as dificuldades e lhes podem atender.

A instrução dos agentes de ligação *deve, pois, ser orientada por um criterio tactico*. Uma instrução exclusivamente tecnica

¹ Nas antigas instruções as praças constituíam *pelotões de telegrafistas*.

torna-se prejudicial; os comandos não saberão utilizar os agentes de ligação e estes serão inúteis.

*

* *

Na instrução teremos, que atender primeiramente ao tempo disponível. Em harmonia com essa base, devem fixar-se os processos a adotar, os metodos a preferir e os programas a realisar, emfim as exigencias possiveis. Parece-nos, que assim procedeu a Comissão Tecnica de Infantaria, dizendo no primeiro numero referente á instrução «A instrução especial dos agentes de ligação será ministrada nos ultimos trinta dias da escola de recrutas.» E' pois uma escola, que funciona juntamente com as escolas de recrutas, mas que não vem indicada no art.º 410.º da lei organica do Exercito.

As I. A. L. contêm disposições referentes ás *escolas de telegrafistas de infantaria* e ás *escolas de velocipedistas*, mencionadas no referido art.º 410.º e que, segundo os art.ºs 418.º e 420.º, «se realisam nas respectivas unidades, nos ultimos 30 ou 45 dias das escolas de recrutas,» pretendendo assim, o que se justifica, criar uma *escola de agentes de ligação ou de sinaleiros*, substituindo as duas mencionadas escolas.

Nos principais exercitos os telegrafistas e os telefonistas são ao mesmo tempo sinaleiros, utilizando os diferentes meios de transmissão, conforme as circunstancias. As nossas I. A. L. seguindo este criterio não criaram os *telegrafistas*,¹ atendendo provavelmente ao tempo de instrução destinado á *escola de agentes de ligação ou de sinaleiros*, que devendo, segundo nos parece, ser elevada a 45 dias, maximo permitido pela lei organica do Exercito, ainda seria reduzido para a instrução dos telegrafistas. Por certo, a Comissão Tecnica de Infantaria julgando possivel instruir um sinaleiro, capaz de satisfazer ás necessidades da infantaria, entendeu, no entanto, que o desenvolvimento compativel com o praso fixado não permitia dar-lhe a classificação de telegrafista, considerando sob esta designação os sina-

¹ Os *telegrafistas*, diz o major Niessel, utilizando a lús solar ou de lanternas especiais muito potentes (até 40 k.), são destinados ás *ligações estrategicas*.

leiros capazes de utilizar o telegrafo electrico, o heliografo e os semaforos, que nos diferentes exercitos completam o serviço de sinaleiros. Admitiu a Comissão Technica de Infantaria, como se verifica nas I.A.L., que os agentes de ligação de infantaria poderão ser classificados em *telefonistas sinaleiros*, *ciclistas sinaleiros* e *sinaleiros*, recebendo todos a instrução de sinaleiro unicamente com bandeiras e lanternas de sinais; os primeiros terão a instrução especial do emprego do telefonio de campanha e sendo [utilizados, quanto possivel, os sinaleiros que possuirem bicicleta como *ciclistas sinaleiros*. Reconheceu, certamente, a Comissão Technica de Infantaria que a *secção de telegrafistas de campanha divisionaria*, pelo seu reduzido efectivo, difficilmente satisfará aos serviços, que lhe forem exigidos, mas preferiu garantir, por uma instrução menos exigente, as ligações possiveis da infantaria com a artilharia e dentro dos regimentos de infantaria, a prescrever um programa mais desenvolvido, afim de a assegurar as ligações dos regimentos de infantaria com os diferentes quartéis generais.

Foram suprimidas as escolas de velocipedistas que, de facto, não se justificavam prescritas como estavam em regulamento especial com formações e evoluções variadissimas. Entre nós, os ciclistas não são combatentes constituindo unidades tacticas, mas simples agentes de ligação bastando-lhes que saibam utilizar e conservar a sua bicicleta e possuam algum treino para resistir a uma transmissão rapida, que lhes seja exigida.¹

As I.A.L. prescrevem a constituição anual dum *grupo de instrução*, formado em cada regimento por *36 recrutas*.

Já salientámos a importancia que, segundo nos parece, tem a designação adotada: acentua-se duma forma bem positiva que os recrutas, futuros sinaleiros, reúnem para efeitos da sua instrução technica, mas pertencem permanentemente ás respectivas unidades, marchando, estacionando e combatendo com elas, servindo-as como agentes de ligação, quando a situação tactica o exigir.

¹ O „Regulamento para a instrução do exercito metropolitano” considera na Parte II (Escola de recrutas) as escolas de telegrafistas de infantaria e as escolas de velocipedistas e na Parte VI (Instrução profissional dos quadros permanentes) os *agentes de ligação*, compreendendo a instrução de telegrafia e telefonia de campanha. Não fala nos velocipedistas !

Um regimento de infantaria mobilizado, necessitará aproximadamente de 150 sinaleiros,¹ avaliando as quebras de mobilização em 30 0/0, o que não é exagerado, pois muitas destas praças, sendo naturalmente as melhores das unidades, serão destinadas aos quadros milicianos, deverá o regimento possuir 195 agentes de ligação. Como não convirá utilizar neste serviço violento praças de idade superior a 24 ou 25 anos, deverá um regimento de infantaria destinar a agentes de ligação unicamente as praças dos quatro primeiros contingentes, necessitando portanto instruir anualmente 50 agentes de ligação e não 36, como as I. A. L. determinam. Mantendo o numero de *telefonistas-sinaleiros* (8) e de *ciclistas-sinaleiros* (8), actualmente fixado, teremos, atendendo ás quebras, 20 especialistas, podendo portanto com os 20 telefonistas-sinaleiros organizar 5 grupos (as I. A. L. chamam-lhe impropriamente *postos*), que estabelecerão 10 *postos telefonicos* e como o regimento de infantaria deverá dispôr de 8 postos telefonicos, teremos uma pequena reserva, querendo só utilizar os homens nas condições referidas.

Ainda as I. A. L. ao fixarem as condições do recrutamento dos agentes de ligação, indicam que devem ser propostos depois dos *chefes de grupo*, convindo que saibam lêr e escrevêr. Parece-nos razoavel que as propostas para chefes de grupo precedam as destinadas a constituir o grupo de instrução dos agentes de ligação, mas os recrutas propostos para agentes de ligação deveriam estar classificados, pelo menos, no *grupo 2.º do art. 391.º*, da lei organica do Exercito, de contrario a instrução será muito dificultada; reconhecendo, no entanto, que esta exigencia será impossivel em determinadas regiões, deveriam as I. A. L. prescrever duma forma clara, que o comandante dum posto telefonico ou de sinaleiros deveria saber lêr e escrever.

¹ N.os 331, 342 e 348 da 2.ª parte (*Combale*) do Regulamento tactico da infantaria.

*

* *

Parecendo-nos razoavel, que aos sinaleiros da infantaria apenas se exija o emprego das *bandeiras* e das *lanternas de sinais*, porque satisfarão todas as exigencias da infantaria e porque pretender um mais largo emprego dos sinaleiros, transformando-os em verdadeiros telegrafistas, será pura ilusão, deveremos estudar o processo de facilitar a instrução garantindo em todas as circunstancias aquêlê emprego limitado.

Com as *bandeiras* utilizam-se dois processos: *uma bandeira*, que é o processo prescrito nas I. A. L. e adotado na Alemanha, Inglaterra e Espanha; *duas bandeiras*, processo preferido na França e na Suíça; este processo tem uma variante, que consiste no emprego de dois discos. A escolha do processo dependerá de experiencias a realizar, que permitam decidir ácerca da visibilidade e da facilidade de aprendizagem.

Parece-nos, que o emprego duma só bandeira torna a sinalização mais difficil, tanto na transmissão como na recepção, além de que a utilização de duas bandeiras permitirá substituir, sem embaraços para a instrução, a *lanterna de sinais do sistema eclipse* por *duas lanternas de luz fixa*, de manejo muito mais facil e de recepção simples; desta maneira a transmissão de noite, importantissima principalmente para assegurar a ligação dos estacionamentos com os respectivos postos avançados, realisa-se pelo processo empregado de dia com duas bandeiras. Ainda como a posição do sinaleiro pode ser *de pé, sentado, de joelhos* ou *deitado* a sinalização, nas duas ultimas posições, é certamente facilitada empregando duas bandeiras.

Em França empregam-se *dois discos* (voyants) de faces branca e vermelha, dizendo o Tenente Baron, que em igualdade de superficie o disco é mais visivel do que a bandeira ¹.

Tambem o Tenente coronel Colligny preconisa a adopção dos discos, indicando o *fanion-baïonnette* ².

¹ Les liaisons par signaux à bras, pag. 17.

² O *fanion-baïonnette* compõe-se dum *disco* e da *baioneta*. O *disco* é de pano e constituido por duas faces (branca e vermelha) de 0,48×0,33 e colocado em dois fios de ferro de 0,004 de diametro. Os fios são dobrados

O tenente suíço Senglet condenando também as *bandeiras*, porque o vento dificulta muito a sinalização, propõe um *disco circular de alumínio* com dobradiças e montado numa baioneta, que fica perpendicular ao diametro das dobradiças, garantindo toda a segurança ao disco ¹.

O *fanion-baïonnette* é duma extrema simplicidade, parecendo-nos que deveria ser ensaiado, comparando os seus resultados e os obtidos com as bandeiras. O *disco circular de alumínio*, parece-nos, será dispendioso e de difícil transporte.

As I. A. L. adotaram três côres para as bandeiras — *branca, vermelha e azul*, dependendo a escolha da côr do fundo em que se projéta e da iluminação que existir, substituindo a *bandeira bipartida vermelha e branca* que era usada pelos nossos telegrafistas de infantaria e que, segundo o Tenente Baron, «representa em todos os casos uma solução mediocre» ².

Não há unanimidade nos diferentes exercitos acerca das côres das bandelras e só experiencias cuidadas nos poderão decidir. Sabemos, que a visibilidade das côres é relativa e resulta, muito principalmente, dos contrastes. Diz o Tenente coronel Dumas ³ que «todavia certas côres são manifestamente mais visíveis na maioria dos casos e das circunstancias.»

Assim o regulamento alemão ⁴, que nós seguimos em parte, fixa três côres: «Sobre um fundo claro é o *azul* que melhor se distingue; num fundo sombrio é o *branco*; quando a atmosfera está pardacenta é preferivel o *amarélo*».

O regulamento espanhol ⁵ adota também três côres, que são *branca, preta e rôxa*, tendo como caracteristico um quadrado ao centro da bandeira, preto na primeira e branco nas duas restantes; ainda o Exercito Espanhol adota, em cada côr, três tamanhos ⁶ de bandeiras, conforme a distancia dos postos de signaleiros, o que dá para cada posto *nove bandeiras!*

de maneira a formar dois aneis com os diametros superior e inferior da baioneta. O disco é fixado por uma ataca ao punho da baioneta, que serve de haste. (Infanterie et Artillerie en liaison, pag. 121).

¹ Revue Militaire Suisse — 1914 — *Disques pliants pour signaux optiques*.

² Id. pag. 21.

³ Ten.-cor. J. B. Dumas. Des manoeuvres de couverture.

⁴ Le spectateur militaire. Novembro 1912.

⁵ Coronel de cavalaria Lossada y Sada — Manual Militar de Telegrafia, pag. 407.

⁶ Os três tamanhos são quadrados de 1,20, 0,90 e 0,60, sendo os quadra-

Na Inglaterra usam-se duas côres *bandeiras azues e bandeiras brancas com fxa diagonal azul* ¹ e em França o disco de duas faces (*vermelha e branca*).

Como já dissémos só experiencias cuidadas permitiriam fixar as côres preferiveis para o nosso Exercito, convindo reduzir, quanto possivel, a diversidade das côres.

As opiniões dos diferentes autores tambem não são concordes. O Tenente Baron diz que a côr mais visivel em todas as circunstancias é a *branca*, ao passo que o Tenente v. Gentz afirma: «na pratica é a *côr amarelá* que, na maioria dos casos, apresenta maior visibilidade; ainda o Tenente Baron hesitou entre o *azul* (bleu de roi) e o *vermelho* (rouge vif), escolhendo esta última côr.

*

* * *

Preferindo a *senalisação com duas bandeiras* teremos a escolher dois sistêmas de transmissão: *sistêmas convencionais*; *sistêmas alfabeticos*.

Os sistêmas convencionais são duma complicação extrêma. Nestes sistemas um determinado *gesto* representa uma frase, tornando-se necessario uma imaginação fertil para traduzir por certos gestos muito simples qualquer comunicação e haverá sempre probabilidade de não ter sido prevista uma determinada situação. Quando as vozes do comando não podem ser ouvidas, adotam-se *sinais* para a transmissão de certas ordens de execução imediata e sob a vista do superior donde directamente emanam, algumas vezes mesmo sob a impulsão desse superior, que as executa e ainda se utilizam na comunicação de informações em numero muito restrito. A fixação dum alfabeto convencional é sempre difficil. Nenhum exercito adota alfabetos convencionais e só alguns autores tentam este caminho ².

dos, centrais respectivamente de 0,40, 0,30 e 0,20. A sinalisação no Exercito Espanhol é feita com uma bandeira. «La elección del tamaño y color de la bandera depende de la distancia á que halle de la estación corresponsal y de la clase de fondo sobre que se proyecten los movimientos de aquélla, cuyo color deberá escoger-se lo más opuesto posible al de dicho fondo».

¹ *Signalling Regulations* (La Revue d'Infanterie—1907).

² Recentemente o nosso camarada sr. Tenente Vasco de Carvalho, num in-

Os sistemas alfabéticos são dois: *semaforico* e *Morse*. As opiniões dividem-se sobre a sua preferencia. No *sistema semaforico*, usado em todas as marinhas do mundo, cada letra ou número digito é indicado *por um unico sinal*, havendo *oito* (8) *posições* ou *sinais simples*, resultantes de 4 posições de cada braço (vertical, horizontal e inclinado de 45° acima e abaixo da horizontal) e ainda mais dois (2) sinais especiais (indicação dos numeros e de não compreendido); no *sistema Morse* as letras e os numeros resultam das diversas combinações de dois sinais — *traço* e *ponto*.

O Major Niessel e o Tenente Baron, que preconizam o *sistema semaforico*, indicam as suas vantagens: facilidade de estabelecer relações com a Armada, nas operações combinadas terrestres e navais e, diz o Major Niessel, «*la vitesse de transmission avec l'alphabet sémaphorique est de quatre à six fois supérieure á celle obtenue avec l'alphabet Morse*. Par conséquent, avec le premier les signaux prendront beaucoup plus tôt l'avance sur les transmissions par estafettes et il se produira au combat quantité d'occasions où la rapidité de signalisation avec l'alphabet Morse sera insuffisante, alors qu'elle serait jugée convenable avec l'alphabet sémaphorique».

Mas, apesar destas vantagens, é um dos seus prosélitos, o Tenente Baron, que nos indica os seus gravissimos inconvenientes.

Assim diz: os sinais semaforicos devem ser feitos com uma rigorosa precisão, a fim de não serem confundidos e ainda

interessante artigo publicado na *Revista de Artilharia* (maio, 1914) sob o titulo *Para a instrução dos nossos esclarecedores de campanha* propoz um sistema convencional simplificado, pois que apenas emprega dois sinais — *braço horizontal* (—) e *braço vertical* (|), que o autôr transforma em alfabético; sob este aspecto é preferivel o alfabeto Morse, pois que permite uma transmissão mais rápida e dá-nos a impressão de ser menos suscetível de confusões. Por exemplo, a letra [A] exige apenas dois sinais no alfabeto Morse [*ponto* e *traço*], exigindo no projecto do sr. tenente Vasco de Carvalho seis sinais [— — — (4 tempos de intervalo) | | —].

O tenente Louque num artigo na «*Revue d'Infanterie*» — 1907, intitulado *Communications des ordres sur le champ de bataille* defende o sistema de *traçar as letras no espaço*, já utilizado na nossa artilharia. Este sistema é extremamente moroso e só poderá servir para as indicações ligeirissimas em que a artilharia o emprega — transmissão de corretores e alcances — e para distancias pequenas.

quando o sinaleiro estiver voltado para o posto receptor poderá haver confusão entre o braço direito e o braço esquerdo ¹, mas estando de costas o soldado, que transmite (o que os sinaleiros preferem) não vê o posto receptor. Acrescentaremos, que estando o sinaleiro na posição *deitado*, o que será frequente, a sinalização semaforica é muito difficil senão impossivel, como deduzimos do processo indicado pelo Tenente Baron — «para a sinalbalho deitado, o sinaleiro coloca verticalmente os dois braços e faz a transmissão girando os discos em torno das mãos, que permanecem fixas»; este mesmo inconveniente, ou antes, impossibilidade encontramos no processo preconizado pelo sr. Tenente Vasco de Carvalho.

O *alfabeto Morse* não dá origem a confusões. O deslocamento menor ou maior duma só bandeira ou a aparição duma bandeira (direita ou esquerda) ou de duas bandeiras indicam-nos com sufficiente nitidez o *ponto* ou o *traço*. Ainda o *alfabeto Morse* tem a vantagem ² dos sinaleiros poderem estabelecer a ligação com a *secção de telegrafistas de campanha*; lêrem e, caso tenham pratica, transmitirem pelo telegrafo electrico, podendo mesmo o pessoal do quadro permanente, que seja instruido como sinaleiro, empregar o heliografo, a lanterna de eclipse e o vibrador telefonico.

O alfabeto Morse é efectivamente menos rapido do que o alfabeto semaforico ³, mas aumentar-se há a rapidês da transmissão adotando um *Codigo de sinais*, para ser empregado quando as circunstancias exigem comunicações rapidas, isto é, no *combate*; nesta situação a transmissão semaforica não dispensa igualmente um codigo, não simplificando, pois, a questão encarada sob este aspecto. Concluindo, parece-nos, que os nossos sinaleiros de infantaria devem usar o *alfabeto Morse* e um *Codigo de sinais*, contendo as ordens, informações e noticias mais frequentes em combate. Pretender um codigo de si-

¹ Basta-nos um exemplo: As letras \boxed{P} e \boxed{V} — A primeira representa-se com o braço direito inclinado 45° acima da horizontal e o braço esquerdo 45° abaixo da horizontal e a segunda o inverso. A mesma confusão é possivel com as letras \boxed{O} e \boxed{R} ; \boxed{J} e \boxed{M} ; etc.

² Que contrapomos á vantagem do entendimento semaforico com a armada.

³ O semaforico indica qualquer letra por um só sinal e o Morse exige o emprego *maximo* de quatro sinais (diferença de segundos $\frac{1}{4}$).

nais com mais larga aplicação é tornar complicado o assunto; os sinaleiros, sabendo transmitir o alfabeto, poderão nas situações de marcha e estacionamento realizar as comunicações necessárias sem ficar embaraçados e inúteis por qualquer deficiência dum código, que pretendia a tudo atender.

As I. A. L. adotam um *Código de sinais* excessivamente complicado e, portanto, de difficilima aprendizagem, exigindo para algumas frases cinco letras.

Seguindo a orientação do General Cramer ¹ organisaremos um quadro de duas entradas de modo que cada frase mais vulgar em combate seja transmitida apenas por duas letras, designando-se em primeiro lugar a *linha* e depois a *colúna* ². Conseguimos reduzir a *quarenta e nove* (49) as ordens, informações e noticias, que serão mais vulgares em combate, sendo facil introduzir qualquer modificação, ampliar ou reduzir as indicações constantes do *Código de sinais*, que propomos.

Adotando o mesmo sistema, parecia-nos conveniente substituir as *indicações de serviço telegrafico*, ³ prescritas nos I. A. L. pelas constantes do quadro.

Sabemos, que as indicações de serviço prescritas nas I. A. L. são as adotadas pelos telegrafistas das unidades de engenharia, mas o método exposto é tão facil, que, talvez, houvesse vantagem na substituição proposta.

No código apresentado introduzimos uma ligeira alteração, suprimindo a letra indicativa da primeira linha, pois que sendo o nosso objectivo simplificar e tornar mais rapidas as comunicações, conseguimos sem nenhum inconveniente tal *desideratum*.

O sr. Tenente Vasco de Carvalho organisa *quadros de re-*

¹ Signaleurs et Signaux (citado pelo sr. Tenente Vasco de Carvalho).

² Este processo é tambem preconizado pelo sr. Tenente Vasco de Carvalho no artigo já citado. Pretende s. ex.^a um código comum para todas as armas; concordamos desde que este satisfaça unicamente ás necessidades comuns, mas deverá cada arma possuir ainda o seu código especial, simplificando-se a questão. No regulamento alemão, além do código comum á artilharia de campanha e artilharia a pé, com 46 abreviaturas, ha códigos especiais para a artilharia de campanha, com 14 abreviaturas, e para a artilharia a pé, com 23 abreviaturas (Le Spectateur Militaire, nov. 1912).

³ Nas I. A. L. sinal *mude côr da bandeira* é M C B e pelo sistema proposto é R R.

cepção e de *transmissão*, que julgamos dispensáveis no nosso caso, pois que uma ligeira inspecção do *codigo* e das *indicações de serviço*, permitirá, sem grande dificuldade o seu emprego.

Codigo de sinais

	<i>a</i>	<i>e</i>	<i>i</i>	<i>o</i>	<i>u</i>	<i>m</i>	<i>n</i>
	Avance	Avance por	Avance sobre	Retire	Retire sobre	Retire por	Faça alto
<i>e</i>	Resista na posição occupada	Fixe o inimigo	Procure envolver o inimigo	Objectivo	Organise defensivamente	Pede reforços	Vai ser reforçado
<i>i</i>	Alça	Necessito cartuchos	Mando cartuchos	Poupe munições	Fogo lento	Fogo vivo	cessar fogo
<i>o</i>	Tenho feridos	Tenho mortos	Oficiaes fora de combate	Sargentos fora de combate	Vou avançar	Vou retirar	Assalto
<i>u</i>	Forças amigas retiram	Cavalaria amiga vai carregar	Alongue o tiro da artilharia	As nossas patrulhas retiraram	Artilharia vai bater	Está occupado	Vou torneiar
<i>m</i>	São vistas patrulhas inimigas	Patrulhas inimigas retiram	Artilharia inimiga impede o avanço	Infanteria inimiga impede o avanço	As metralhadoras inimigas impedem o avanço	Infanteria inimiga retirada	Inimigo pronuncia contra ataque
<i>n</i>	Cav. inimiga ao flanco direito	Cav. inimiga no flanco esquerdo	Intensidade fogo inimigo diminue	Intensidade fogo inimigo aumenta	Artilharia inimiga regula o tiro	Inimigo retira sobre	Avançam reservas inimigas

Como muito judiciosamente alvitra o sr. Tenente Vasco de Carvalho, cada unidade deveria possuir uma grande dotação de *codigos de sinais*, não sendo portanto necessario fixar mais do que o alfabeto Morse e praticar com o codigo; evidentemente, esta prática só poderá ser realizada pelos sinaleiros que saibam lêr e que serão *comandantes de posto*, sendo o outro soldado de cada posto, um homem que saiba transmitir rapidamente o alfabeto Morse.

Indicações de serviço

	<i>g</i>	<i>t</i>	<i>n</i>	<i>s</i>
	Aterção ou chamada	Entendi- do	Convite para transmitir	Separe mais os sinaes
<i>t</i>	Principio de despacho	Espera	Separação ou nova li- nha	Fim de despacho
<i>n</i>	Mais para a sua direita	Mais para a sua esquerda	Mude côr da bandeira	Regule luz
<i>s</i>	Erro ou interrup- ção	Ponto de interro- gação	Virgula	Ponto final

*
* *

Devendo a instrução técnica dos sinaleiros, reduzir-se á transmissão do alfabeto Morse, vamos indicar muito resumidamente alguns meios destinados a facilitar a sua aprendizagem. Assim, o regulamento francês¹ apresenta três meios:

1.º — Classificar as letras em grupos compreendendo letras formadas por certos sinais:

a) Letras compreendendo só pontos ou traços;

e . i . . s . . . h
t — m — — o — — — ch — — — —

¹ Instruction provisoire du 15 avril 1912, sur la liaison dans les corps de troupe.

b) Letras começando por *um* ponto ou um *traço* :

a . — l . — . . . r . — .
 j . — — — p . — — . w . — —
 b — . . . n — . c — . — .
 d — . . x — . . — y — . — — —
 k — . —

c) Letras começando por *dois* pontos ou *dois* traços

u . . — f . . — . é . . — . .
 ã . . — — g — — . z — — . .
 q — — . —

d) Letras começando por *três* pontos ou *três* traços:

v . . . — ó¹ — — — .

2.º — Estabelecer uma correspondencia entre certas letras invertendo a ordem dos sinais representativos:

Exemplo :

a . — n — .
 d — . . d . . —
 b — . . . v . . . —

3.º — Organizar uma relação de palavras começando, quanto possível, pelas letras a representar e nas quais as consoantes representem *um traço* e as vogais um *ponto*¹.

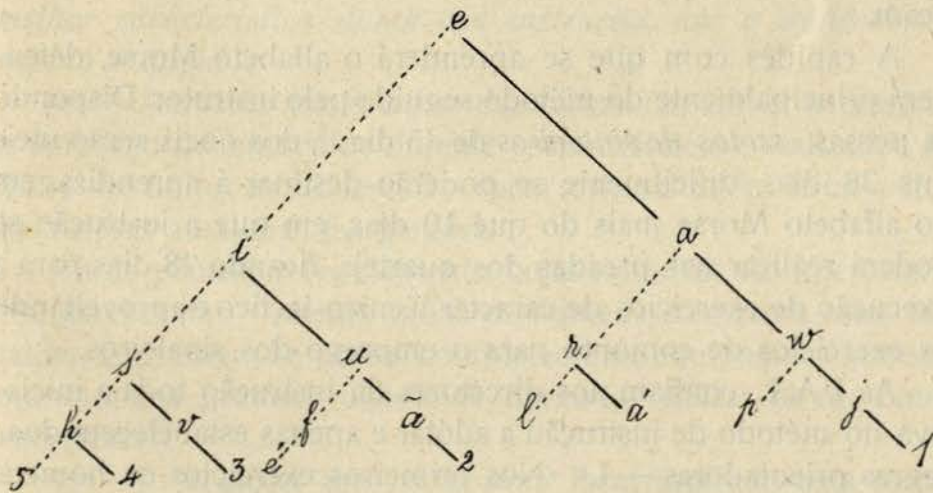
Exemplo :

a (. —) representar-se ha por *ar*
 d (— . .) representar-se ha por *dia*

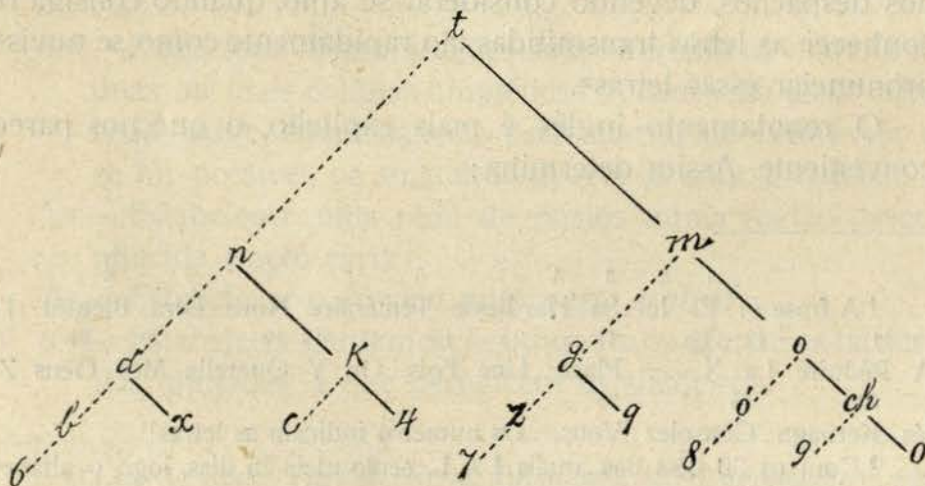
¹ O Tenente Decollogny apresenta a seguinte variante: substitui os sinais representativos das letras por palavras começando pela letra a representar e tendo tantas sílabas quantos os sinais; cada sílaba com a letra **O** corresponde a um *traço*, as restantes sílabas a *pontos*. Exemplo: a letra **A** (. —) representa-se por *alto* (Signaux optiques — Revue Militaire Suisse 1913).

Como mnemonica para facilitar a aprendizagem do *alfabeto Morse*, ainda se adótam uns quadros, em que as *linhas a cheio* (obliquas da esquerda para a direita) representam *um traço* e as *linhas ponteadas* (obliquas da direita para a esquerda) representam *um ponto*.

Assim, o 1.º quadro começa pela letra representada por um ponto (*e*) e conseguintemente todas as letras do quadro começam por um ponto.



O 2.º quadro começa pela letra representada por um traço (*t*) e conseguintemente todas as letras do quadro começam por um traço.



O Capitão Géry Potiez (*L'Alphabet Morse et la télégraphie optique a la portée de tous*) apresenta um método que, segundo o autor permite fixar facilmente os sinais do alfabeto Morse. Substitui as letras por numeros, estabelecendo um certo numero de regras para valorizar os pontos e traços representativos das letras.

Com o mesmo fim, apresenta uma frase mnemonica ¹ e um alfabetico artistico!

Alguns métodos são verdadeiras charadas, que nada simplificam.

A rapidês com que se aprenderá o alfabeto Morse, defenderá principalmente do método seguido pelo instrutor. Dispondo as nossas *escolas de sinaleiros* de 45 dias ², dos quais serão uteis uns 38 dias, difficilmente se poderão destinar á aprendizagem do alfabeto Morse mais do que 10 dias, em que a instrução se poderá realizar nas paradas dos quartéis, ficando 28 dias para a execução de exercicios de caracter técnico-tactico e aproveitando os exercicios de conjunto para o emprego dos sinaleiros.

As I. A. L. confiam aos directores da instrução toda a iniciativa no método de instrução a adótar e apenas estabelecem duas regras orientadoras — 1.^a «Nos primeiros exercicios os homens devem ser colocados em linha a três passos de interváo. Á voz — *Para transmitir* — *Em posição* — os homens colocam-se de pé, na posição inicial e executam simultaneamente, as letras ou numeros indicados pelo instrutor. Á voz de — *Á vontade* — descem a bandeira». — 2.^a Paralelamente ao ensino da transmissão irá o sinaleiro adquirindo, metódicamente, a prática da recepção dos despachos, devendo considerar-se apto, quando consiga reconhecer as letras transmitidas tão rapidamente como se ouvisse pronunciar essas letras».

O regulamento inglês é mais explicito, o que nos parece conveniente. Assim determina:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9				
	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
A	Réduire	La	X....	Place;	Une	Fois,	On	Y	Querella	Mes	Gens	Zé-	
	23	24	25										

lés Kernagn Consollez Vous. Os numeros indicam as letras!!

² Com os 30 dias das atuais I. A. L. serão uteis 25 dias, logo o alfabeto Morse deveria ser ensinado em 5 dias.

1.º — Quando os homens conhecem a representação das letras pelo alfabeto Morse, constituem-se grupos de dois sinaleiros, que recebem e transmitem *grupos de letras*¹, que não formem palavras, afim de conseguir, que os homens recebam e procurem compreender todas as letras;

2.º — Repetição do mesmo exercício com grupos de palavras e frases, quando os homens transmitam e recebam com correção os grupos de letras;

3.º — Transmissão e recepção de comunicações, *não havendo melhor característica duma bôa instrução, que a transmissão rápida e calma*;

4.º — Aumento progressivo das distancias, até ser necessario o emprego do binoculo; durante estes exercicios, realizados de dia e de noite, os homens recebem comunicações feitas pelos instrutores auxiliares (sargentos).

Ainda o mesmo regulamento, cujas minucias são interessantes, acrescenta: «quando todos os homens conhecem estes detalhes, constituem-se postos completamente equipados e que são colocados a grandes distancias devendo realizar os seguintes exercicios:

1.º — Estabelecer um *posto* num local indicado pela carta;

2.º — Estabelecer as ligações, tanto de dia como de noite, numa posição de postos avançados;

3.º — Estabelecer as ligações entre *postos* fixos e as *patrulhas* ou *outros elementos moveis*, deslocando-se em direcções determinadas;

4.º — Atender á interrupção duma linha telegrafica ordinaria;

5.º — Estabelecer comunicações sobre a frente de marcha de duas ou mais colúnas hipotéticas. A execução deste exercicio exige circunstancias particularmente favoraveis e, se fôr possivel, os sinaleiros devem possuir bicicletas;

6.º — Estabelecer uma rêde de postos numa região desconhecida e sem carta;

7.º — Estabelecer o serviço num *posto central*;

8.º — Estabelecer comunicações durante os exercicios tacticos das unidades, a que pertencem os sinaleiros.

¹ O Capitão Roger Vasselin (*Revue d'Artillerie*, 1914), apresenta um quadro, com 20 grupos de 4 letras, que é adótado no Exército Inglês.

Durante estes exercicios «é absolutamente proscrito qual-quer processo irregular, afim de não comprometer a uniformidade do método que é a base das comunicações entre os sinaleiros das diferentes armas».

Vêmos como esta instrução é excéccionalmente cuidada no Exercito Inglês. O programa prescrito nas I. A. L., deverá ser desenvolvido na parte referente á telefonia, bem como mais detalhado nalguns pontos e ligeiramente modificado em outros. Só experiencias anuais sucessivas, permitirão, no fim dum certo tempo, assentar o programa conveniente.

Pelo que se refere a *provas de aptidão*, as I. A. L. não são precisas. Indicam apenas a classificação dos sinaleiros e prescrevem que «o inspector de infantaria da divisão e o comandante do regimento ou o comandante do batalhão destacado inspecionam a instrução dos agentes de ligação, certificando-se não só da sua competencia técnica, como observando a orientação tactica da referida instrução». E' pouco.

O regulamento inglês não só diz, que os sinaleiros serão examinados com frequencia e o resultado devidamente averbado, como determina rigorosamente as *provas finais de aptidão*. Estas provas são :

- 1.^a — Receber uma comunicação de 200 letras ¹, transmitidas pelo heliografo ou telégrafo elétrico com uma velocidade de 8 palavras por minuto ;
- 2.^a — Receber uma comunicação expedida pelo heliografo com a velocidade de 10 palavras por minuto, á distancia de 500 jardas (450 metros) ;
- 3.^a — Receber uma comunicação expedida por bandeiras ou lanterna, com a velocidade de 8 palavras, a distancia que exiga o emprego do binoculo ;
- 4.^a — Transmitir uma comunicação por bandeiras e com a velocidade de 6 palavras ;
- 5.^a — Transmitir uma comunicação por bandeiras, lanternas, héliografo ou telégrafo com a velocidade de 8 palavras ;
- 6.^a — Transmitir uma comunicação semafórica com a velocidade de 10 palavras ;

¹ Estas letras formam *grupos*, com um numero variável de letras, *simulando palavras estrangeiras*, impedindo assim, que o sinaleiro adivinhe a palavra pela leitura das primeiras letras.

7.^a — Mostrar desembaraço na leitura de cartas ;

8.^a — Conhecer perfeitamente os aparelhos de sinalização e saber as reparações mais frequentes ;

9.^a — Conhecer todos os detalhes do serviço de sinaleiro.

No regulamento inglês, os sinaleiros são classificados: *de 1.^a classe*, quando satisfizerem ás provas finais com 2 0/0 de faltas; *de 2.^a classe*, quando tiverem 5 0/0 de faltas.

As velocidades de transmissão e recepção são registadas individualmente e o juri é constituído pelo ajudante do *Army signal service divisionario*, oficiais sinaleiros de brigada, ou, na falta destes, outros oficiais nomeados pelo comandante da divisão e ainda, se fôr julgado necessário, um oficial da *Escola de sinaleiros de Aldershot*.

Além desta prova, realiza-se uma inspeção anual, determinada pelo comandante em chefe ou comandante da divisão.

Os instrutores, instrutores adjuntos e sinaleiros, são obrigados á *prova de inspecção*, subordinada a uma hipótese táctica ; esta prova tem a duração de dois dias, não devendo ser interrompida durante a noite ; a hipótese estabelecida deve permitir o funcionamento do serviço de ligação pelos sinaleiros das diferentes armas e deve *manter-se secreto* até ao momento da execução, realizando-se, quanto possível, em terreno desconhecido.

Tendo as nossas I. A. L. um character provisório, desejaríamos uma orientação moldada pelo *Training Manual Signalling*, cujos pontos capitais ficaram esboçados.

Não basta modificar os programas, elaborando-os conforme os resultados obtidos nos periodos de instrução, modificando-os cautelosamente em consequencia dos ensinamentos colhidos, é indispensavel organizar um certo número de provas que, constituindo uma garantia para o Exercito, sejam para instrutores e instruendos um estimulo proveitosissimo. Já anteriormente lembramos a conveniencia de estabelecer *um curso especial de agentes de ligação ou sinaleiros* ¹.

O programa deste curso, obedecendo aos mesmos principios gerais dos programas regimentais para a classificação das praças, seria necessariamente mais desenvolvido, contendo uma parte teorica, muito reduzida, indispensavel aos futuros instrutores, mas seguindo uma orientação essencialmente pratica.

¹ *Revista Militar*. Outubro 1914.

Para tornar esta instrução mais proficua, permitindo variar o terreno, realizar exercicios a grandes distancias e estabelecer hipoteses tacticas verosimeis, os officiais, que seguissem o curso, deveriam dispôr de bicicletas, transportando-as das respectivas unidades ou sendo-lhes fornecidas na séde do curso, conforme fosse mais economico.

O official instrutor tambem teria bicicleta.

Segundo nos parece, o *curso especial de agentes de ligação ou sinaleiros* deveria durar 18 dias uteis com 8 horas de instrução diaria e 2 dias para a realização das provas compreendendo 16 horas de trabalho. O horario das sessões será dependente da natureza especial da instrução a ministrar em cada dia, devendo o curso funcionar de 5 a 25 de agosto.

Duma maneira geral, o programa poderia ser assim elaborado :

a) Exposição teórica.	2 horas	
b) Alfabeto Morse e Codigo de sinais ; descrição, conservação e reparação dos aparelhos	12	»
c) Estabelecimento de postos telefonicos	30	»
d) Estabelecimento de postos de sinaleiros, com bandeiras	20	»
e) Estabelecimento de postos de sinaleiros, com lanternas.	20	»
f) Estabelecimento de cadeias de homens	12	»
g) Exercicios a grandes distancias.	48	»
h) Provas de aproveitamento		
	{ Prova escrita	2 »
	{ Prova pratica	14 »
Duração total da instrução	160	»

Com exceção das catorze horas indicadas em a) e b), toda a instrução seria subordinada a hipoteses tacticas e os exercicios a grandes distancias, bem como as provas de aproveitamento (2 dias) obrigariam a estacionar fóra do quartel, onde se realisasse o *curso*.

As provas seriam apreciadas por um jurí que, na hipotese de unicamente a infantaria ter este curso, seria presidido pelo

coronel inspector da 1.^a Divisão, tendo como vogais o comandante da Escola de Tiro de Infantaria, dois capitães nomeados pela Secretaria da Guerra e o oficial instrutor. A prova escrita consistiria na resolução sobre a carta de $\frac{1}{100.000}$, $\frac{1}{50.000}$ ou $\frac{1}{20.000}$ dum problema de ligações numa determinada hipotese tactica fixada pelo Estado Maior do Exercito e tirada á sorte. A prova pratica compreenderia um exercicio a grandes distancias estabelecendo-se os postos fixados na ordem de operações e devendo funcionar de dia e de noite.

Os officiaes, que seguissem o curso, teriam um *caderno*,¹ onde seriam desenvolvidamente registados os trabalhos realizados durante o curso e na prova de aproveitamento, indicando as velocidades de transmissão e recepção conseguida nesta prova a diferentes distancias e todos os outros esclarecimentos, que o juri julgasse convenientes.

Os officiaes seriam classificados *instrutores*² ou declarar-se-ia no caderno, que não tinham obtido aproveitamento.

Seguindo esta orientação, teriamos a seguinte despêsa:

Membros do juri	Inspector da 1. ^a Divisão:	
	Ajuda de custo (4 dias)	7\$20
	Transporte	\$78
	Comandante da Escola de Tiro:	
	Ajuda de custo (2 dias)	3\$60
	Dois capitães:	
	Ajuda de custo (4 dias)	9\$60
	Transporte	1\$56
	Transporte e reparações das bicicletas	50\$00
	Subsidios de marcha para praças	20\$00
	Soma	92\$74
	Despêsa já calculada ³	1.360\$48
	Total	1.453\$22

¹ Nos actuais *curtos de tiro de infantaria* existe um caderno semelhante.

² No Exercito Inglês os officiaes são classificados:

Instrutores especiais, quando transmitem 8 palavras por minuto, tendo 2 % de faltas e obtendo nas provas oral e escrita 80 pontos;

Instrutores quando transmitem 8 palavras por minuto, têm 5 % de faltas e obtendo nas provas oral e escrita 66 pontos.

³ Revista Militar—Outubro 1914.

O *oficial sinaleiro*, ao regressar á unidade, seria dispensado do serviço exterior nos termos do art. 179.º da 2.ª parte (serviço interno das unidades) do R. G. S. E. e de todo o serviço de escala durante a instrução, ficando a seu cargo a conservação e reparação de todo o material de sinaleiros (bandeiras, telefonios, lanternas e bicicletas) das companhias.

Além da instrução dos recrutas, ministrada nos ultimos 45 dias da escola de recrutas, organizar-se hiam nas unidades *cur-sos para sargentos*, mantendo o principio das I. A. L., de que todo o sargento deve conhecer os sinais e saber transmitir. Para que este curso fosse mais proficuo, não devia durar os meses de Novembro e Dezembro com duas sessões semanais, mas dever-se hia organizar anualmente em cada unidade dois cursos com a duração de *20 dias* (8 horas de instrução diaria) e seguindo a orientação esboçada, embora com menores exigencias. Cursos identicos seriam organizados para cabos e soldados do pessoal permanente, que tivessem recebido instrução de sinaleiro na escola de recrutas e para os corneteiros. De 26 a 31 de dezembro realizar-se hiam em todas as unidades as *provas de sinaleiros*, sendo os sargentos classificados: *sinaleiros instrutores* e *sinaleiros especiais* e as restantes praças em *sinaleiros de 1.ª classe* e *sinaleiros de 2.ª classe*, conforme tabelas determinadas.

Os sargentos e outras praças que não obtivessem classificação seriam considerados inaptos. Todos seriam anualmente obrigados a seguir a instrução de sinaleiros podendo mudar de classificação. Os resultados obtidos saiam publicados em ordem da unidade, bem como os resultados conseguidos em concursos locais e regionais organizados pelas autoridades militares.

E' necessario que esta instrução se desenvolva no Exercito Português. Não devemos esquecer, que os exercitos modernos, compatíveis com as instituições democraticas, são extremamente nervosos, não são automatizados, mas massas conscientes, a quem um serviço de ligação, perfeitamente assegurado, dará tranquillidade.

Neste ramo especial de preparação militar encontrariam as S. I. M. P. e os *grupos de scouting* um magnifico campo para se desenvolver e prestar á Patria um prestimoso concurso.

No tempo de páz os exercicios poderão ser orientados com calma e os arbitros pronunciar as suas decisões com oportuni-

dade, se o serviço dos sinaleiros funcionar sem atritos ; em campanha as armas de muitos soldados ficarão sem fazer fogo, mas eles serão igualmente combatentes, servindo-se de pequenas bandeiras de sinais, dos telefonios e das lanternas para que as reservas avancem quando fôr necessario, a artilharia lance as suas *rajadas*, quando a infantaria não progride, os postos avançados garantam ás tropas o tempo conveniente para as disposições a tomar e todos prestem uma cooperação eficás. Não são as suas armas que matam o inimigo, mas é o seu serviço rapido e bem executado que o aniquila.

«*Il y a dans ce domaine une mentalité nouvelle á créer*»¹

Setembro, 1914.

HENRIQUE PIRES MONTEIRO

Cap. d'inf. com o curso do E. M.

¹ Citado pelo coronel suiço P. von Berchem no artigo *La liaison de l'infanterie et de l'artillerie*. (Revue Militaire Suisse, 1910).

Obras oferecidas

- 1 **Estudos de Balística Interna**, por J. Nunes Gonçalves, tenente coronel de artilharia, lente da Escola de Guerra — 1 vol. (0^m,20×0^m, 14) de 44 pag. com fig. e tabelas. Lisboa, 1914.

Circunstancias especiais têm impedido de noticiar aos nossos leitores a publicação em separata deste precioso trabalho, que viu primeiro a publicidade em artigos da *Revista de Artilharia*, e que constitue uma nova demonstração das poderosas faculdades intellectuais, vastos conhecimentos scientificos e notaveis aptidões tecnicas de que dispõe o autor, cuja reputação alastrou para fóra das fronteiras do nosso país, gosando de invejavel renôme entre os mais distintos artilheiros estrangeiros.

Havia-se manifestado nos ultimos tempos, grande actividade entre eles no sentido de criar metodos novos, ou de aperfeçoar os existentes, de modo a fornecer aos praticos o maior numero possivel de indicações seguras, de facilidades de calculo e ainda de pontos de vista novos sobre tudo quanto respeita ás polvoras e ao seu modo de funcionar nas armas de fogo.

Acompanhando esse movimento renovador, e ardente na dedicação pela sciencia, teve o nosso presado camarada e consocio ocasião de fazer algumas experiencias aconselhadas pela intensa cultura tecnica de que dispõe, donde resultou estabelecer uma serie de formulas, que os competentes reputam mais simples e mais exactas do que as dadas até agora á publicidade, quer em jornais de classe, quer em publicações especiais.

O livro agora publicado é constituido pelo desenvolvido estudo assim realisado pelo sr. Nunes Gonçalves. Abre pela exposição da questão da balística interna, tal qual ela se apresenta nos trabalhos mais recentes, para seguidamente apresentar as linhas essenciais do seu metodo proprio, que constitue o desenvolvimento e aperfeçoamento do que, em tempos, apresentou á Academia das Sciencias de Lisboa.

Carecemos de competencia para fazer a critica de tão notavel trabalho, mas o pleno conhecimento que temos do character e meritos do seu auctor bastam para nos convencer de que, ao dar-lhe publicidade, êle julgou bem servir, ao mesmo tempo, a sciencia e a arma de que é merito membro E é isto o que confirmam os tecnicos abalisados.

- 2 Historia e memorias da Academia das Sciencias de Lisboa — *Biograjia de Francisco Gomes Teixeira*, por Rodolfo Guimarães, socio correspondente da Academia. — Lisboa, 1914 — broch. (0^m,×0^m, 23) de 31 pag.

Com o fim de justificar um voto de congratulação da Academia, de

que é digno socio, por ocasião da manifestação, que se realizou em Coimbra para glorificar o distinto sabio sr. Francisco Gomes Teixeira, escreveu o nosso presado camarada, colega e amigo sr. Rodolfo Guimarães a *Memoria*, cuja publicação vimos anunciar aos nossos leitores.

Antigo discipulo e devotado amigo daquele notavel matematico, havendo-o seguido com admiração em todo o decurso da sua triumphal carreira, e espirito devotado incessantemente ao estudo das sciencias, mais habilitado do que ninguem estava o sr. Rodolfo Guimarães para remomorar devidamente o que tem sido a carreira infatigavel daquele grande mestre, que tão bem tem sabido honrar nos principais centros scientificos mundiais o nome português.

Desempenhou-se dignamente da difficil missão, que a si mesmo se havia imposto, aquele nosso camarada. Tomando Gomes Teixeira logo ao terminar a instrucção primaria, segue-o pertinazmente em todo o decurso da vida academica, revelando cuidadosamente como aquella brilhante inteligencia se ia desenvolvendo a cada momento, marcando quasi pelos triumphos obtidos os anos frequentados na faculdade de matematica da Universidade de Coimbra.

Entrando na vida publica, seguindo a carreira do magisterio, o sr. Gomes Teixeira não descansou, como tantos outros o fazem, a admirar o seu brilhante passado, e continuou tenazmente a cultivar a sciencia, á qual devia já tantas recordações agradaveis. O sr. Rodolfo Guimarães descreve com a maior minuciosidade o que tem sido, desde então, a obra do notavel matematico.

Não é uma simples relação dos trabalhos originaes produzidos, a que apresenta na sua *Memoria*. A citação de cada um d'elles é acompanhada de descripção, embora sucinta, do principio que o autor pertendeu demonstrar ao escrevê-los, o que revela cumulativamente a cultura de espirito e o escrupulo investigadôr do biografo. Os louros colhidos nos centros scientificos estrangeiros, os aplausos dispensados pelos mais celebres matematicos ao sabio professor português são cuidadosamente registados nas paginas da dita *Memoria*. Em suma, desta se póde dizer que constitue o diploma justificativo da notavel manifestação realizada ultimamente em Coimbra.

Deve estar satisfeito o sr. Rodolfo Guimarães com a sua obra, que demonstra simultaneamente os simpaticos traços do seu character e as excepcionais aptidões de investigador distincto, que é. Por isso ela mereceu a honra de ser inserta entre as memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, na classe das sciencias morais e politicas, e belas letras, pelo que felicitamos o autôr.

3. **Pages d'histoire — 1914** — Sob esta rubrica foram publicadas as seguintes brochuras pela livraria Berger-Levrault :

En mobilisation 1^e 2^e et 3^e jours. (Les violations de frontière. Les ultimatum allemands). Prix : 60 centimes.

La journée du 4 août. (Le Message au Parlement. La session extraordinaire. Commentaires du principaux journaux). Prix 60 centimes.

Le Guet-Apens. 23-24-25 juillet (Le choix du moment. L'ultimatum antrichien. L'emotion en Europe). Prix : 40 centimes.

En guerre. Du 5 au 7 août. 4^e, 5^e et 6^e jours de mobilisation (La bataille de Liège. Escarmouches en Lorraine. Premières prises navales). Prix : 60 centimes.

Les communiqués officiels depuis la déclaration de guerre Du 5 au 14 août. 4^e a 13^e jour de la mobilisation (Suite chronologique des dépêches du gouvernement français. I.) Prix : 60 centimes.

Les communiqués officiels depuis la déclaration de guerre Du 15 au 31 août. (Suite chronologique des dépêches du gouvernement français. II.) Prix 60 centimes.

Les communiqués officiels depuis la déclaration de III. Du 1 au 30 septembre. (Suite chronologique des dépêches du gouvernement français. Annexes: Documents officiels). Prix : 60 centimes.

Extraits du Bulletin des Armées de la République. I Les Premiers — Paris. Du 15 août au 3 septembre 1914 (Messimy — Viviani — Ernest Lavisse — G. Clemenceau — Général de Lacroix — Albert de Mun — Marcel Sembat — Paul Deschanel — Maurice Barrés — Henri Levedan — S. Pichon — Paul Appell — Alexandre Varenne — Louis Liard — A. Millerand — Gabriel Hanotaux — Victor Margueritte — Emile Boutroux — Vice-amiral Gervais — Raymond Poincaré). Prix : 60 centimes.

Feliz ideia a que teve a Livraria Borges Levrault de compilar em brochuras, ao alcance de todas as bolsas, os documentos, que interessam ao conhecimento especificado da guerra actual, e cuja origem official lhes dá uma autenticidade incontestada! Posto que estejamos apenas a pouco mais de quatro meses da explosão da mais famosa guerra, que a historia da humanidade regista, não é já facil obter alguns dos documentos agora reunidos nas ditas brochuras, esparsos como eles se encontram por publicações diarias sempre de demorada consulta. A sua reunião facilita muito, portanto, o estudo e as referencias de todos os que procuram não só seguir atentamente, mas efectuar a critica dos acontecimentos politicos e militares ocorridos.

Mas o valor das brochuras completa-se com o do coleccionamento de outros importantes assuntos, ainda relativos á guerra. O ministro Mr. Messimy, que geria a pasta da guerra, em 15 de agosto, expondo ao Presidente do Conselho sr. Viviani a situação em que de encontravam os exercitos francêses, ao cobrir a fronteira desde o mar do Norte até á Suissa, numa frente de mais de 400 quilometros, sem noticias algumas, quer de character familiar quer da marcha dos acontecimentos militares, que não fossem daquelas de cada um era testemunha ocular, propoz a publicação quotidiana de um *Boletim*, que fosse distribuido em todos os corpos a officiais e soldados, o qual deveria contêr os elementos indispensaveis para que cada combatente pudesse entrar no conhecimento dos cuidados que á Nação mereciam as suas familias, da importancia dos

seus esforços individuais na integração do esforço nacional, e em que a palavra dos mais notáveis pensadores servisse de emulação generosa. Sob o patrocínio do Presidente do Conselho pediu o ministro que fosse colocado esse *Boletim*, ao que este accedeu, aplaudindo que os defensores da patria por esse meio soubessem — "a admiração que o seu heroísmo erguia, e os olhares ardentes que lhes lançavam, as suas mães, esposas, noivas, e irmãs. Saberiam eles o que a Nação esperava dos seus cerebros e dos seus musculos, das suas inteligencias e dos seus corações. Conheciam por essa via as noticias internas e saberiam que, graças a elas, a vida nacional não ficára suspensa".

No *Boletim* colaboraram os mais altos espiritos da França. E esses diversos escritos foram agora reunidos em uma das brochuras, cuja publicação anunciamos, brochura que bem se pôde considerar como depositaria das mais eloquentes peças de eloquencia patriótica, suscitadas pela campanha actual.

Tudo concorre, portanto, por dar a maior actualidade ás brochuras enumeradas no começo desta noticias, cuja publicação a livraria militar Berger-Levrault empreendeu.

4. S. R. Membre de Plusieurs Sociétés Savantes — **Trois Mois de guerre** — Aôut — octobre 1914 — 1 broch. de 31 pag. (0,^m175×0,^m11) Paris, Librairie militaire Berger-Levrault, 1914. Prix: 25 centimes.

Esta brochura tem por fim apresentar um resumo simples, imparcial e evidente do gigantesco esforço, que os exercitos aliados têm realiado para contrabalançar a ofensiva formidavel e tenaz dos exercitos alemães na occidente da Europa. Em breves palavras expõe as origens do conflicto, e passa seguidamente a descrever: as operações efectuadas no mez de agosto; a retirada dos aliados e a batalha do Marne (28 de agosto a 12 de setembro); a batalha do Aisne (13 de setembro a 9 de outubro); e, finalmente, a batalha das Flandres, que continua ainda travada desde 8 de outubro. São sempre da maior utilidade estas publicações, que possuem o merito de reunir os elementos indispensaveis para avaliar da marcha dos acontecimentos pela rememoração dos factos já passados, mas que têm sempre a maior ligação com os que vão occorrendo.

5. Manuel Reis de Sanches Ferreira, Estenografo do Congresso da Republica — **Recrutamento de Professores de Esteno-Dactilografia** — 1 broch. (0^m, 22×0^m, 155) de 7 pag. Lisboa, 1914.

Posto que não se trate de assunto, que tenha relação directa com as sciencias militares, não se pôde considerar a brochura, que anunciamos, indifferente inteiramente á profissão militar. São frequentes as ocasiões em que o conhecimento da Esteno-Dactilografia constituirá um valioso recurso para o official, tanto mais que em diplomas promulgados nos ultimos tempos, reorganizando varios ramos do ensino, se incluiu nos respectivos programas a Estenografia e a Dactilografia. O auctor, com o fim de apurar pessoal idoneo para o ensino destes ramos technicos, elaborou

um programa do concurso, que entendem dever submeter á critica imparcial, afim de que da discussão travada podesse resultar a mais perfeita resolução do assunto. Não ha senão que louvar por tal procedimento, que demonstra o amôr profissional de que dispõe o auctor da brochura, merecendo esta a atenção dos especialistas.

M. S.

CRÓNICA MILITAR

Afghanistan

Progressos do exercito.—A força armada deste país evoluciona rapidamente. A artilharia possui o mesmo modelo de atrelagem que as artilharias europeias. As unidades de infantaria estão dotadas de metralhadoras construidas na fabrica nacional de Kabul. Uma parte dos regimentos de cavalaria está munida de lanças e os arreios são fabricados nas oficinas de Kabul. As forças de milicia receberam novo armamento de tiro rapido, construido na referida fabrica.

Existe finalmente um destacamento de automobilistas militares.

Alemanha

O exercito em 1912.— E' curioso o estudo estatistico do exercito alemão, fazendo uma analise comparativa com os anos anteriores, depois tomando como origem o ano de 1898, obtem-se para despeza, em marcos, os numeros seguintes :

	1898	1912
Alto comando	2:764.599	3:559.088
Governadores militares	609.306	649.335
Ajudantes	986.826	2:090.952
Estado maior	2:468.386	4:268.905
Engenheiros	2:160.037	2:509.252
Justiça	656.829	2:274.270
Premios para sargentos	2:891.000	4:957.000
Exercicios de tiro	1:606.000	2:144.540
» de combate	16.380	175.518
» de desembarque		40.000
» de exploração		45.000
» de natação		49.400
Provisões de boca	56:947.708	71:524.270
Manobras	1:998.027	2:239.380
Edificios	1:283.277	2:275.500
Saude	7:744.455	12:701.175
Remonta	8.705:750	14:518.991

Com respeito ao aumento de efectivos, temos :

	1898	1912
Regimentos de infantaria	166	172
» de cavalaria	74	80
» de artilharia de campanha	34	77
» de artilharia a pé	15	20
» de comunicações	4	7
Batalhões de infantaria	613	815
» de cavalaria	74	81
» de artilharia de campanha	152	209
» " " a pé	44	85
» " comunicações	9	30
Oficiais subalternos de infantaria	6.773	6.971
» " de cavalaria	1.334	1.423
» " de artilharia de campanha	1.452	1.718
» " de artilharia a pé	469	649
» " de comunicações	97	265

O numero de batalhões, esquadrões, etc. nos três ultimos anos é o seguinte :

	1911	1912	1913
Infantaria, batalhões	634	651	669
Cavalaria, esquadrões	510	515	550
Artilharia, de campanha, baterias	592	623	633
Artilharia a pé, batalhões	39	48	55
Sapadores, batalhões	17	18	31
Trem, batalhões	33	25	26

Na arma de infantaria, foram creadas 18 companhias de ciclistas e 18 de metralhadoras.

O aumento de cavalaria, é de 6 regimentos.

Os batalhões de sapadores foram transformados em regimentos, com excepção de alguns que guarnecem as praças fortes.

As tropas de comunicações são um regimento e um batalhão de caminhos de ferro, 3 batalhões de telegrafos, 2 de aerostação e 5 de aviação.

Recursos em gado cavalari.—As comissões de remonta compraram na Prussia um total de 11.244 cavalos dos 23.605 que lhe foram apresentados.

Na Saxonia, as comissões de remonta compraram 1.328 cavalos, na Baviera, 2.286 e em Wurtemberg, 252.

A Prussia oriental, e Hannover e o Schleswig-Holstein produzem cavalos em numero suficiente para todo o imperio, sobretudo a Prussia oriental, que fornece mais de metade dos cavalos do exercito, e especialmente quasi todos os de cavalaria. Holstein, o ducado d'Oldemburgo e a Prussia oriental fornecem os solipedes de tiro da artilharia de campanha e o Schleswig e a região de Rheno os da artilharia pesada.

Situação do automobilismo em 1913.— O estado do automobilismo no 1.º

de janeiro de 1913 era o seguinte: numero de viaturas para transporte de pessoal: 70.385 (das quais 20.325 motocicletas); numero de viaturas para transporte de mercadorias: 7.704 (compreendendo 123 motocicletas).

Comparando com a situação em 1 de janeiro de ano anterior, temos:

Automoveis para pessoal

	Motocicletas	Com menos de 8 cavalos	De 8 a 16	De 16 a 40	Com mais de 40	Total
Janeiro, 1913 ...	20.325	14.742	15.087	18.501	1.410	76.085
» 1912 ...	19.958	13.888	12.377	12.686	1.072	59.901
Diferença	+ 367	+ 853	+ 2.710	+ 5.895	+ 358	+ 10.144
Aumento	1' 8 %	5' 1 %	20' 9 %	46' 8 %	33' 4 %	17 %

Automoveis para transporte de mercadorias

	Motocicletas	Com menos de 8 cavalos	De 8 a 16	De 16 a 40	Com mais de 40	Total
Janeiro, 1913 ...	123	1.902	1.995	3.213	531	7.701
» 1912 ...	157	1.579	1.387	2.110	316	5.549
Diferença	34	+ 323	+ 548	+ 1.103	+ 215	+ 2.155
Aumento	21' 7 %	20' 5 %	39' 5 %	52' 3 %	68 %	38' 8 %

Os automoveis nas colunas de munições com carros automoveis. — Para isto levaram em conta que 524 tiros por peça com que são providas na França as baterias de campanha, 312 são transportados por estas a 312 na coluna de munições do corpo de exercito, do qual o 1.º escalão se encontra a cerca de 20 ql., demorando por isso o municciamento 5 ou 6 horas para chegar ao seu destino, e que o parque de artilharia de corpo de exercito está á distancia de quasi 60 ql. á rectaguarda, demorando actualmente 2 ou 3 dias o avanço das 3.750 viaturas das 4 colunas respectivas, resultando que o mesmo serviço se fará com grande facilidade em 12 horas, por meio de 750 viaturas automoveis.

Por isso tomou-se em consideração a adopção de automoveis para esse serviço, atendendo ao extraordinario consumo de munições exigido pelas batalhas modernas.

O alto comando ao declarar-se a guerra. — Alem do Imperador, chefe supremo dos exercitos alemães de terra e mar, o comando superior das forças terrestres do Imperio está confiado ao general Moltke, sobrinho do celebre marechal que venceu a França em 1870.

Sob as ordens de Moltke figuram os quarteis-mestres (sub-chefes do estado-maior general), generais Schmidt, von Knobelsdorf, von Bertrab de Valdersu, von Rudl e von Redern.

Antes da declaração da guerra actual, o exercito estava dividido nas 8 grandes inspecções militares seguintes :

1.^a «Inspecção de Dantzig» (1.^o, 17.^o e 20.^o corpos de exercito), sob as ordens do coronel-general von Prittwitz und Graffen, ex-comandante chefe do 16.^o corpo de exercito.

2.^a «Inspecção de Berlim» (Guarda imperial e 12.^o e 19.^o corpos saxões), cujo comandante-chefe é o general Heeringen, ex-ministro da guerra.

3.^a «Inspecção do Hannover» (7.^o, 9.^o e 10.^o corpos de exercito), sob o comando em chefe do coronel general von Bulow ; os corpos desta inspecção, sob as ordens do general Emmich, constituem o exercito de Mosa, que operou em Liege.

4.^a «Inspecção de Munich» (3.^o corpo prussiano e os 3 corpos bavaros) sob o comando superior do Principe Rupprecht, herdeiro da Baviera.

5.^a «Inspecção de Karlsruhe» (8.^o, 14.^o e 15.^o corpos de exercito) sob as ordens do Grão-duque de Bade. São os 3 corpos que constituem a 1.^a linha de combate na fronteira francêsa.

6.^a «Inspecção de Stuttgart» (4.^o, 11.^o e 13.^o corpos) sob o comando do duque Alberto de Wurtemberg.

7.^a «Inspecção de Sarrebrück» (16.^o, 18.^o e 21 corpos do exercito), que formam o resto das tropas da 1.^a linha, sob as ordens do general von Echorn.

8.^a «Inspecção de Strasburgo» (2.^o, 5.^o e 6.^o corpos), que são comandadas pelo general von Kluck.

Austria

Porta-voz. — Nas regiões montanhosas e sobretudo no Krast, a transmissão de ordens e de noticias apresenta serias dificuldades, para o que se procura dar remedio com o emprego de sinais opticos ou acusticos.

As tropas da Bosnia fazem tambem uso do porta-voz com que vão sendo dotadas progressivamente todas as unidades estacionadas no territorio.

Nos batalhões de infantaria empregam-se 2 modelos de porta-voz, ambos munidos de uma corneta de chamada, diferindo um do outro sómente pela sua força. Uns, com 0^m,49 de comprimento, são destinados aos comandantes dos batalhões ; os outros, de 0^m,43, são destinadas aos comandantes de companhia.

Aeronautica. — Com destino á flotilha aerea adquiriu há pouco a Austria o segundo dirigível *Stagel Monusberth*, de tipo não rigido e muito diferente do dos alemães deste modelo.

Nas experiencias a que foi submetido, voando a 1.800^m, com velocidades mediãs de 64 ql. por hora, deu excelentes resultados, evolucionando com toda a precisão e segurança.

Este balão desloca 8200^m3 ; possui duas barquinhas em cada uma das quais está instalado um motor de 150 cavalos, que põe em acção duas helices independentes com 4^m de diametro.

Belgica

Novos soldos dos officiais. — Segundo as ultimas disposições, os capitães e

subalternos receberão soldos progressivos que serão regulados pelos anos de serviço.

O soldo anual dos subalternos será de 2.500 francos, sendo aumentado de 300 francos em cada período de 3 anos.

Os soldos mínimo e máximo para os capitães será de 3.700 e 4.300 francos, respectivamente.

A promoção a capitão terá lugar ao cabo de 17 anos nas armas gerais e de 7 anos nos corpos técnicos.

A principal novidade desta última lei é a de mencionar uma gratificação anual de 500 francos para os oficiais casados ou viúvos com filhos.

Brazil

Efectivo do exército para 1915. — O Ministro da guerra, apresentou uma mensagem ao Congresso Nacional, na qual propõe os efectivos com que deve contar o exército no exercício de 1915. Estes efectivos são :

Oficiais : Os quadros criados pelas leis n.ºs 1:860 de 4 de janeiro de 1908 e 22:232 de 6 de janeiro de 1910.

Dos aspirantes a oficiais.

Dos alúnos das escolas militares.

De 31:925 praças distribuídas 100 a cada uma das companhias do Acre, Purus, Taranaca e as mais distribuídas nas unidades do exército, criadas pela lei n.º 1:860 de 4 de janeiro de 1908, de acôrdo com o efectivo mínimo.

Os efectivos com praças de pret de que trata o parágrafo anterior, poderão ser elevados ao máximo, d'acôrdo com a alínea *f*) do art. 12.º da lei anteriormente citada, nos casos de mobilização.

As praças destinadas ás companhias regionais, serão obtidas por voluntarios na 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª regiões militares, de preferencia a quaisquer outras, e as demais pela forma estabelecida no art. 87.º da Constituição federal, sendo os contingentes que os Estados e o distrito federal devem prover, proporcional ás respectivas representações no Congresso nacional.

No caso de haver em qualquer Estado maior numero de voluntarios do contingente pedido, proceder-se-ha como determina o art. 187.º do regulamento do decreto de 8 de maio de 1808, n.º 6:149.

Durante a vigencia da lei, fica o Governo autorizado a convocar pelos periodos de manobras, nos Estados e no distrito federal, até 20:000 reservistas de 1.ª linha.

Os reservistas convocados, gozarão dos favôres concedidos aos sorteados pelo art. 55.º, lei de 1860, sendo-lhes pago por créditos e para as manobras, o vestuario necessário.

Durante as manobras receberão em dinheiro, por uma unica vêz, além da importancia dos meios de transporte, tantas meias étapes, quantos fôrem os dias de viagem, sem alimentação á custa do Estado.

Fica tambem o governo autorizado a admitir nos arsenais e fábricas, até 200 aprendizes artifices, de acôrdo e obrigações consignadas no regulamento da companhia de aprendizes militares.

Bulgaria

As baixas da guerra balkânica. — Para terminar a série de estatísticas pu-

blicadas sobre o assunto, o Governo da Bulgaria publicou uma estatística oficial das baixas sofridas pelo seu exercito, nas guerras que sustentou, primeiro contra a Turquia e depois contra as suas aliadas e a Rumania.

As cifras são aterradoras, e, segundo elas, durante a primeira das campanhas, as baixas foram as seguintes :

	Mortos	Feridos	Desaparecidos
Oficiais	312	915	2
Soldados	29:711	52:550	3:103

Na guerra com a Servia, Grecia, Montenegro e Romania, foram as seguintes :

	Mortos	Feridos	Desaparecidos
Oficiais	266	816	69
Soldados	14:602	50:305	4:560

Total de mortos e desaparecidos nas duas campanhas : 52:716.

O numero de oficiais e soldados que ficaram inválidos para o resto da vida, sóbe a 10:000.

França

Efectivos das forças em Marrocos em 1913. — Europeus dos cor-

pos de exercito da metropole	3.462
Idem dos corpos d'Argel e Tunis	20:285
Naturais da Argelia	14:956
Idem de Tunis.	4:968
Total	43:671

Tropas coloniais europeias.	7:708
Idem, idem senegalêsas.	7:456

Total das tropas coloniais.	15:164
Tropas marroquinas.	3:318

Total geral. 62:462

Despêsas da ocupação francêsa em Marrocos. — As despêsas militares têm sido as seguintes :

	Francos
1907.	11.376:000
1908.	41.255:000
1909.	18.048:000
1910.	12.717:000
1911.	68.107:000
1912.	144.153:000

Total. 295.656:000

Além destas despêsas militares efectuar-se-ão outras em obras publicas

Os automoveis nas colunas de munições. — No exercito procuram constituir as colunas de munições com carros automoveis.

Para isto levaram em conta que dos 524 tiros por peça com que foram providas as baterias de campanha, 312 são transportados por estas e 212 na columna de munições do corpo de exercito, do qual o 1.º escalão encontra-se a cerca de 20 quilometros, demorando por isso o municciamento 5 ou 6 horas para chegar ao seu destino, e que o parque de artilharia do corpo de exercito está á distancia de quasi 60^{kl} á rétaguarda, demorando atualmente 2 ou 3 dias o avanço das 3:750 viaturas das 4 colunas respectivas, resultando que o mesmo serviço se fará com grande facilidade em 12 horas, por meio de 750 viaturas automoveis.

Por isso tomou-se em consideração a adóção de automoveis para esse serviço, atendendo ao extraordinario consumo de munições exigido pelas batalhas modernas.

Inglaterra

Efectivos. — O efectivo consignado no orçamento de 1914-1915, para o exercito regular, é de 186:400 homens, em vez dos 185:600 do ano anterior.

Este aumento, é quasi em absoluto para as tropas de aviação e de artilharia de praça.

A reorganização dos batalhões de infantaria em 4 companhias, não introduz modificação alguma nos efectivos. Os cavalos da suprimida infantaria, metade foram distribuidos pelos batalhões para assegurar a remonta dos capitães de companhia.

Os efectivos totais do exercito, no exercicio de 1914-1915, são os seguintes:

Forças regulares (exceto as da India)	167:523	
Quadros permanentes	Reserva especial	977
	Força territorial	2:086
	Milicia das Indias	185
	Officiais do corpo instrutor.	67
Estados-maiores	1:242	
Empregados diversos	1:529	
Corpos coloniais.	8:771	
Tropas na China.	2:300	
Forças regulares destacadas nas Indias	75:896	
Reserva regular	147:000	
Reserva especial ¹	80:120	
Força territorial ¹	312:890	
Officiais do corpo instrutor ¹	1:043	
Milicia das Indias ¹	6:081	
Divisão de reserva de milicia	60	
Total.	807:690	

Esta cifra foi de 805:199 em 1913-1914.

¹ Menos o quadro permanente.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

- 1 ANDRÉ (lieutenant-colonel d') — *Les Forces morales*, deux conférences faites à l'école d'instruction des officiers de réserve et de l'armée territoriale de la 20^e région. In-8, 47 p. Berger-Levrault. Paris 1914.
Extrait du «Bulletin des conférences de l'école d'instruction des officiers de réserve et de l'armée territoriale de la 20^e région».
- 2 CAMON (général) — *L'Initiative à la guerre*. In-8, p. 145 à 156. Berger-Levrault. Paris. 1914.
Revue militaire générale «la Liaison des armes» armée et marine, fondée en 1907 par le général Langlois, membre de l'Académie française.
- 3 CAMON (général) — *La Fortification dans la guerre napoléonienne*. In-8, xvi, 93 p. Avec 15 figures dans le texte. Fr. 2
- 4 COLOMB (capitaine von) — *La guerre de partisans contre Napoléon*. Carnet de campagne d'un officier prussien. (1813-1814). Traduction française du commandant breveté Minart. In-16, xxiv-307 p. avec croquis. Berger-Levrault. Paris. 1914. Fr. 3,50
- 5 *Etat militaire de toutes les nations du monde. 1914*. In-12, 176 p. Berger-Levrault. Paris. Fr. 1,25
- 6 GENSOUL (L.) ancien lieutenant de la garde mobile, procureur général près la cour d'appel de Rouen. *Précédé d'une lettre du général Faidherbe*, avec 2 portraits hors texte et 1 croquis. *Souvenirs de l'armée du Nord. Un bataillon de mobiles pendant la guerre 1870-1871*. — In-8, vi-120 p. Berger-Levrault. Paris. 1914. Fr. 2
- 7 *Partage (le) de l'Allemagne (l'Echéance de demain)* par le lieutenant-colonel R. de D. Coulommier. In-8, 90 p. impr. Buisine et Dessaint. Paris. Fr. 1,50
- 8 *Etat spécial des officiers généraux et fonctionnaires de grades correspondants de l'armée de terre établi d'après les renseignements officiels du ministère de la guerre. 1914*. In-4, 212 p. Charles-Lavauzelle. Paris. Fr. 5
- 9 *Harnachement des chevaux de la gendarmerie (troupe)*. Supplément arrêté à la date du 31 décembre 1912. In-8, 8 p. H. Charles-Lavauzelle. Paris. C. 25
«Bulletin officiel du ministère de la guerre. Edition méthodique n.º 54 (supplément).
- 10 *Justice militaire*. Sections métropolitaines d'exclus. Supplément arrêté à la date du 31 décembre 1912. In-8, 47 p. H. Charles-Lavauzelle. Paris. C. 50
«Bulletin officiel du ministère de la guerre. Edition méthodique, n.º 57 (supplément).
- 11 *Notre armée, nos finances*. Petit in-16, 32 p. impr. A Geneste. Lyon. 1914.
Elections législatives de 1914. Brochure de propagande.
- 12 ALVIN (capitaine) *L'Artillerie de campagne dans les Balkans*. In-8, 29 p. Marc-Imhaus et René Chapelot. 1914. Paris. C. 60
- 13 BANTSEKOV (capitaine). *Souvenir des faits de guerre du 60^e régiment d'infanterie de Zamosc pendant la guerre russo-japonaise (1904-1905)*. In 8, 36 p. Marc-Imhaus et René Chapelot. Paris. 1914 (27 avril). C 60
- 14 COGNET (commandant G). *Le Problème des réserves. Ce qu'il faut pour réaliser la nation armée*. 1914 (27 avril). In-8, viii-336 p. Marc Imhaus et René-Chapelot. Fr. 4

- 15 FOYER (le) du soldat de Paris, fondé en 1893, par M^{me} E. Louis Germond, salles d'étude et de récréation pour les militaires. *Rapport moral et financier sur l'œuvre en 1913*. (21^e année. 1914). Siège social, 74, rue du Temple (III^e arrondissement). In-8, 20 p. R. Tancrede. Paris. 1914 (23 avril).
- 16 MELON (A.) consul général de France en retraite. *Carnet de campagne, souvenir d'un infirmier volontaire, 1870-1871*. In-16, 71 p. impr. de «l'Eclaireur» 27, avenue de la gare. Nice Fr. 2

Inglaterra

- 1 BEATSON (F. C.) *With Wellington in the Pyrenees*. Being an account of the Operations between the Allied Army and the French from July 25 to August 2, 1813. Illustrated. 8vo, pp. 332. M. Goschen net 15/
- 2 BERNHARDI (Friedrich von) *Germany and the Next War*. Popular ed. Cr. 8vo, pp. 288, swd. E. Arnold. net 2/
- 3 GREAT WAR (The) Edited by H. W. Wilson. Part 1. Illustrated. 4to, swd. Amalgamated Press net 6d
- 4 HOW TO USE A RIFLE OR PISTOL. With a Chapter on Map Reading. 16mo, swd., pp. 62. Temple Press net 6d
- 5 JOHNSTONE (H. M.) *The Foundations of Strategy*. («Special Campaign» Series.) Cr. 8vo, pp. 216. G. Allen net 5/
- 6 SQUAD, Section and Company Drill Made Easy Revised and brought up to date by an Adjutant. 16mo, pp. 172, limp. Gale & Polden net 1/6
- 7 TACTICS. By Balck. Vol. 2, Cavalry, *Field and Heavy Artillery in Field Warfare*. 4th enlarged and completely revised ed. 8vo, pp. 552. H. Rees net 12/6
- 8 WAR BUDGET (The) No. 1. Folio, swd, pp. 32. «Daily Chronicle» net 3d
- 9 WHO'S WHO IN THE WAR. With Maps of Europe and the Franco-German Frontier. Edited by George L. Polsue. Cr. 8vo, pp. 84, swd. Gough House net 1/
- 10 ASTON (Sir George) *Sea, Land and Air Strategy*. A Comparison. With Maps and Diagrams. 8vo, pp. 320. Murray net 10/6
- 11 HOUSSAYE (Henry) *Napoleon and the Campaign of 1814*. Translated by Brevet Major R. S. McClintock. 8vo, pp. 538. H. Rees net 8/6
- 12 KINSMAN (Lieut.-Colonel H. J.) *Tactical Notes*. 18mo, pp. 306. H. Rees net 5/
- 13 NEESER (Robert Wilden) *Our Many-Sided Navy*. Royal 8vo, pp. 236. Yale Univ. Press (H. Milford) net 10/6
- 14 RUSSO-JAPANESE WAR (The) *The Battle of Mukden*. Part 1. From February 25 to March 3, 1905. Prepared in the Historical Section of the German General Staff. Authorised Translation by Karl Von Donat. 8vo, pp. 216, and Maps. H. Rees net 10/6
- 15 BUTLER (L.) *The Annals of the King's Royal Rifle Corps*. Vol. 1. The Royal Americans. Roy 8vo. Smith, Elder net 25/, ditto with appendix net 15/
- 16 GOODWIN (T. H.) *Field Service Notes for R.A.M.C.* Cr. 8vo. Bale net 2/6
- 17 POUNDER (A. D.) *Man-of-War Organization*. 16mo, pp. 224. J. Griffin net 3/6
- 18 BACON'S WAR MAP OF EUROPE. Embracing all the Countries Involved. G. W. Bacon net 1/
- 19 BARTHOLOMEW'S WAR MAP OF CENTRAL EUROPE, 1914. J. Bartholomew net 1/
- 20 CREASY (Sir Edward S.) *The Fifteen Decisive Battles*. 12mo. Nelson net 6d
- 21 YOUNG (J. B.) *The Battle of Gettysburgh*. A Comprehensive Narrative. 8vo. Harper net 7/6
- 22 JOHNSTONE (Captain H. M.) *The Foundations of Strategy*. Cr. 8vo, pp. viii. — 208. Allen & Unwin. net 5/

- 23 *NOTES on Torpedo Work in H.M. Ships.* By R. P. Cr. 8vo, swd., pp. 33. Hogg net 1/

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 9 de setembro de 1914. Algumas questões referentes ao desenho do navio couraçado. Contra-torpedeiros. Estratégia do tempo de guerra. Ilhas dos Açores. Douros. Os acontecimentos navais da atual conflagração. Marinhas militares.
- 2 *O Instituto*, n.º 9 de setembro de 1914. O Fausto de Goethe. Memórias de Carnide, Artes e indústrias metálicas em Portugal. — Relojoaria. Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança.
- 3 *O Oriente português*, n.ºs 7 e 8 de julho e agosto de 1914. Reivindicações geográficas. Alguns advogados antigos de Gôa. Tomada de Diu. Testamento do Dr. Pedro da Silva e Alva. Dialecto indo-português de Ceilão. *Varia Variorum*.
- 4 *Revista de artilharia*, n.º 123 de setembro de 1914. Estado da pólvora da peça 7,5 C. (T. R.) sob o ponto de vista químico. Provas mecânicas dos aços para canhões. A defesa dos portos de apoio estratégicos do Atlântico. *Variedades*.
- 5 *Revista de engenharia militar*, n.º 9 de setembro de 1914. O *Trottil* nos trabalhos de sapadores dos caminhos de ferro. Alicerces de uma habitação particular. Estudo dos ventos em Portugal. Mêsas para refeitórios.
- 6 *Revista de medicina veterinária*, n.ºs 150 e 151 de agosto e setembro de 1914. Clínica veterinária militar. A química em zootechnia. — Subsídios para o estudo dos capins em Angola. Remonta militar portuguesa — Relatório e lei. Serviços do Ultramar (África Ocidental) — Coisas nossas. João Antonio Sequeira de Almeida Beja. Sobre a resenha dos cavalos tripedalvos.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 260 de setembro de 1914. Puntos de vista para el desarrollo de la instrucción en el «Periodo de instrucción de batería». Nuestras ametralladoras deben ser a campo. Instrucción de tiro en la infantería. Referente a las leyes y costumbres de la guerra terrestre.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 3 de setembro de 1914. Notas editoriais. Neutralidade do Brazil quanto aos paizes conflagrados. Fortificações do rio Mosa. A guerra dos Balkans. As manobras de Saint-Privat. Bala ogival e bala ponteaguda ou P.
- 2 *O Tiro*, n.ºs 66 e 67 de setembro e outubro de 1914. Considerações oportunas. A utopia do pacifismo. A preparação racional do atirador para a guerra. Relação nominal dos reservistas dadas pelas Sociedades Confederadas. Regulamento de tiro para a infantaria. Conflagração europeia. A mobilização do exercito belga. Armamento das nações em luta. Granadas de mão. Campeonato de 1914. O effeito das balas P. Estratégia do tempo de guerra.
- 3 *Revista marítima brasileira*, n.º 3 de setembro de 1914. Evoluções de navio dreadnought. Educação naval no Japão. A radiotelegrafia a curta distancia. Fulminato de mercurio e mistura fulminante. Instructoria de torpedos e minas. O torpedo moderno e as novas construcções navaes.

Chile

- 1 *Revista de marina*, n.º 338 de agosto de 1914. Algunos tópicos navales de oportunidad. Tablas de azimut para astros ficticios o imagi-

narios. El gran descubrimiento del ingeniero italiano Ulivi. El nuevo sistema de educacion e instruccion de los oficiales de la marina inglesa. La importancia de las minas submarinas basada en las experiencias hechas durante la guerra ruso-japonesa.

Colombia

Memorial del Estado mayor del ejercito, n.º 37 de setembre de 1914. Carta de Bolivar a Santander. La marina de guerra alemana. El ejercito del comando. Limites de Colombia. Aeroplanos y dirigibles. Lecciones de balistica. Proyecto unico para la artilleria de campaña. El canal de Kiel reconstruido. La campaña de los treinta dias. Al través de la prensa militar.

Espanha

- 1 *Estudios miliars*, n.º 3 de setembre de 1914. El infante y el terreno. Las nuevas tablas de tiro del fusil Mauser reglamentario con la bala P. Psicologia militar. Memoria hecha sobre la base de apuntes tomados durante el curso de 1911 en la Escuela de tiro de infanteria. La guerra en los Balkanes. Un enlace de las armas en el campo de batalla. Ensayo acerca de la guerra de guerrillas.
- 2 *Memorial de artilleria*, n.º de setembre de 1914. La cuestion de los calibres una vez más. La movilizacion de la artilleria de campaña francesa.
- 3 *Memorial de infanteria*, n.º 33 de setembre de 1914. El general Linares. Version oficial japonesa sobre la guerra de 1904-1905. Noticias historicas sobre el ejercito inglés. Los enlaces en el campo de batalla. Principios de la tactica razonada de las marchas y operaciones de noche. La pistola Campo-Giro. Orientaciones acerca de las granadas arrojadoras y de las secciones de granaderos. Variedades.
- 4 *Memorial de ingenieros del ejercito*, n.º 9 de setembre de 1914. Estación radiotelegrafica de Bilbao. Telefonía de campaña. Aeronautica militar. Las tropas y servicios de ingenieros en Marruecos. Necrologia.
- 5 *Revista de caballeria*, n.º de setembre de 1914. Los problemas sobre el plano. La conduccion y manejo de grandes unidades. Experiencias sobre alimentación del ganado del arma de caballeria. Caso curioso de uniformidad sexual en todos los productos de un semental.
- 6 *Revista tecnica de infanteria y caballeria*, n.º 5 e 6 de 1 e 15 de setembre de 1914. La oficialidad combatiente en los ejercitos extranjeros. El reglamento de campaña de 1882. La obra militar de la Revolución francesa. Conferencia preparatoria para la jura de banderas, dada a los reclutas del batallón de Napoleón sobre la caballeria. Acción colonial en la Guinea española. Manual de telegrafia militar.

Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de setembre de 1914. Forza numerica degli Ufficiali dell'Arma di Cavalleria. De un Mesa all'Altro. L'armamento della Cavalleria. Dell'istruzione militare. Quelche considerazione sull'aviazione e sull'impiego di cavalleria. Formazlone ed allenamento di una pattuglia nuotatori Mantello baio e mantello sauro. Il viaggio d'istruzione del 1.º e 3.º squadrone. Caccia — Corse — Corsi.

Romania

- 1 *Romania militara*, n.º de agosto de 1914. Cronica. Cabul in artilleria noastra colereata. Note asupra operatiunilor armatei noastre in Bulgaria in 1913. Un Voedod Roman din veacul in 17 lea mediator al paecei dintre Lesi si Turci. Diu istoria Tarei.